



IMAGEM.

Capa do livro. À esquerda, a informação: Seminário de educação inclusiva. AVANÇOS E POSSIBILIDADES. Ao lado, um lápis vermelho e no topo dele há vários galhos com folhas, frutos e ícones: bolas, pessoas com deficiência, cão guia, livro em braille, computador, nota musical, lápis. À direita, logotipo da Fundação, composto por um círculo amarelo com um largo sorriso, óculos pretos e redondos. Seguido pelo nome: Fundação Dorina Nowill Para Cegos. Ao lado, a informação: 70 anos. Ampliando horizontes.

FIM DA IMAGEM.

CRÉDITOS

Idealização do Seminário:

Ika Fleury

Comissão Organizadora:

Adriana Borges Araña

Ana Paula Silva

Daniela Coutelle

Dennis Reis

Kely Magalhães

Juliane Suemy Rega

Marcia Veloso

Maria Regina Marques Lopes Silva

Marlucia Lobo

Perla Assunção

Priscila Saraiva

Susi Maluf

Raquel Santana

Comissão científica e de conteúdo:

Edson Luiz Defendi

Eliana Cunha Lima

Regina de Fátima Caldeira de Oliveira

Parceria para o desenvolvimento e execução da atividade: "Educação Inclusiva: questões e soluções vindas da prática cotidiana"

Instituto Fonte – Rogério Magon e Mariangela Paiva de Oliveira

Agradecimentos Especiais:

Equipe de voluntários e colaboradores da Fundação Dorina Nowill, em especial a Adriana Rocha, Ana Maria Sorrentino, Andrea Madeira, Cristina Brandão, Débora Brandão, Dolores Antonia Tirado, Carla Nomura Picchioni, Luiz Cesar Tunas, Paula HARRIZ, Monica Bardela, Tábata Epprecht, Tainá Grassi Torralbo, Flávio Coelho.

Desejamos fazer um agradecimento em particular para a FIESP, através da equipe envolvida neste evento, cuja colaboração foi imprescindível para o sucesso do Seminário, desenvolvendo um trabalho de extrema competência e envolvendo-se inteiramente em seu processo de realização.

Elaboração do relatório e memória:

Ana Rita de Paula

Edson Luiz Defendi

Eliana Cunha Lima

Revisão do relatório e memória:

Niraldo Braga

Fotografias:

Aguinaldo Pedro – Estúdio Ofício da Imagem

Sonia Melle

Apresentação

É com muita satisfação que levamos a público o registro do “Seminário Internacional de Educação Inclusiva: avanços e possibilidades” que aconteceu em São Paulo, no salão Nobre da FIESP, em 17 de junho de 2016.

Fruto de muitos debates e reflexões, o presente seminário faz parte da comemoração dos 70 anos de existência da “Fundação Dorina Nowill para Cegos” e marca o encontro com vários atores envolvidos na prática da educação inclusiva.

Reafirmamos que o tema Educação Inclusiva, sempre inquietante, suscita na atualidade muitas discussões. Como a educação inclusiva vem sendo praticada? De que forma vem sendo percebida pela sociedade e, principalmente, por seus principais beneficiados: as pessoas com deficiência?

Estas foram algumas questões que nortearam nosso planejamento e a realização deste encontro, que teve como principais objetivos:

- ✓ Apresentar as ações da “Fundação Dorina Nowill”, ao longo de seus 70 anos de existência, no âmbito da educação inclusiva;
- ✓ Trazer informações atualizadas sobre educação inclusiva no Brasil e no mundo;
- ✓ Discutir o papel dos principais atores - escola, família, pessoa com deficiência, governo e instituições sociais - no cenário da Educação Inclusiva;
- ✓ Promover o debate sobre a importância do tema para a inclusão de pessoas com deficiência;
- ✓ Refletir sobre os caminhos futuros da Educação Inclusiva em nosso país.

Desde o início de nossas discussões para a construção do Seminário, foi consenso que deveríamos privilegiar as participações de todos os atores envolvidos nas questões da Educação Inclusiva, não só trazendo inovações e as atuais diretrizes da Educação Inclusiva, mas também o relato de boas práticas e compartilhamento de experiências exitosas.

Legitimar a participação de todos requereu uma inovação na forma de realizar o evento e, portanto, optou-se em diversificar e, até certo ponto, inovar nas apresentações, sempre buscando a participação do público para debater os diversos assuntos em pauta, de forma dinâmica.

Um dos nossos maiores desafios era ouvir a demanda de educadores para que realizássemos um seminário que de fato trouxesse discussões da prática da Educação Inclusiva. Embarcaram conosco neste desafio os profissionais do Instituto Fonte, que desenvolveram uma metodologia de debate coletivo, o que aconteceu na segunda parte do evento na atividade “Educação Inclusiva: questões e soluções vindas da prática cotidiana” que está relatado neste documento.

Imbuídos deste espírito, apresentamos neste relatório uma síntese destas discussões, tendo como fios condutores a riqueza de conteúdo e participação de todos.

Nosso maior desafio em elaborar este relatório foi o de transmitir o conteúdo com consistência e objetividade, no entanto sem perder a complexidade e a riqueza das falas e observações de nossos convidados e públicos.

Neste relatório você encontrará uma síntese de todo o Seminário, com os conteúdos que foram desenvolvidos em sua programação completa. Vale destacar que o evento foi realizado com toda a acessibilidade possível para de fato garantirmos a participação de todos.

Esperamos que este documento seja contributivo para enriquecer a discussão acerca da Educação Inclusiva, principalmente neste momento político tão instável que presenciamos, no qual a garantia da qualidade da educação e, principalmente, da educação inclusiva precisa ser constantemente reiterada, defendida e implementada por todos os atores que já a vivenciaram e são testemunhas de seus benefícios para o conjunto da escola e da sociedade.

Por fim, cabe salientar a nossa felicidade em ter promovido este debate, certos de que plantamos uma semente fértil para a continuidade destas discussões, na medida em que este tema vem marcando substancialmente a missão da “Fundação Dorina Nowill para Cegos”, desde o início de suas atividades.

Oxalá possamos ter outros seminários desta natureza e, com isso, fomentar cada vez mais o propósito de levar na prática a educação de qualidade para todos. Afinal, como sabiamente nos ensinou nosso grande mestre Paulo Freire: *“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”*.

Programação do Seminário Internacional de Educação Inclusiva

PERÍODO DA MANHÃ

8h às 8h30– Recepção e credenciamento

8h30 às 9h15 – Boas Vindas e abertura

70 anos de Fundação Dorina Nowill: Educação Inclusiva e cidadania

Senhora Ika Fleury: Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Dorina Nowill

Senhora Graça Fragalá: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

9h15 às 10h15 – Palestra Magna

Cristina Sanz: Presidente do ICEVI Latina América - Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual

10h15 às 10h35 – Coffee Break

10h35 às 12h15 – Mesa Redonda

Como caminha a Educação Inclusiva no Brasil. A voz de seus atores e protagonistas: pessoa com deficiência, família, governo, escola e instituições sociais.

Convidados:

Ana Cláudia Domingues: Pedagoga com especialização em Educação Inclusiva e membro do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência da cidade de São Paulo

Fernanda Camarotta Rodrigues: Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP – mãe de Miguel Rodrigues, criança com Síndrome de Down

Professora Doutora Shirley Maia: Doutora em Educação Inclusiva pela USP – SP, Presidente da AHIMSA – Associação Educacional para Múltipla Deficiência

Martinha Clarete Dutra dos Santos: Ex-Diretora do SECADI – Setor de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Ministério da Educação – MEC

Mediadora:

Regina Fátima Caldeira de Oliveira: Coordenadora da revisão Braille da Fundação Dorina Nowill para Cegos e membro do Conselho Mundial do Braille

12h15 às 13h30 – Almoço

PERÍODO DA TARDE

13h30 às 15h30 - Atividade: “Educação Inclusiva: questões e soluções vindas da prática cotidiana”

Fórum participativo – discussão de experiências

15h30 às 16h – Coffee Break

16h às 17h - Atividade: “Educação Inclusiva: questões e soluções vindas da prática cotidiana”

Fórum Participativo com o público – discussão de experiências

Apresentação de práticas educacionais inclusivas:

Professora Maria Luiza Bonilha: CEFAI – Centro de Apoio e fomento a inclusão da Prefeitura Municipal de São Paulo – Região da Capela do Socorro – São Paulo (SP)

Professora Nelci Faria: Coordenadora da Diretoria de Ensino Regional Centro-Oeste da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

Professores Carlos Fragata e Cintia Rodrigues: Secretaria Municipal de Educação de Parintins (AM)

Professoras Érica de Melo Guerra e Vanessa Barbosa da Silveira: Laboratório de acessibilidade da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal (RN)

Análise e reflexão das discussões:

Ana Rita de Paula: Doutora em Psicologia, consultora em inclusão

Marta Gil: Coordenadora Executiva da Amankay Instituto de Estudos e Pesquisas

17h às 18h – Palestra de Encerramento

Professor Romeu Kazumi Sassaki: Consultor em inclusão social e Presidente da Associação Nacional de Emprego Apoiado e autor de vários livros sobre inclusão social e deficiência



IMAGEM.

Fotografia de várias pessoas sentadas participando do seminário.

LEGENDA: Público do seminário no auditório da FIESP.

FIM DA IMAGEM.

Perfil dos participantes do Seminário Internacional de Educação Inclusiva: avanços e possibilidades

Participaram do Seminário de Educação Inclusiva 170 pessoas de vários perfis e oriundas de várias regiões brasileiras.

Por se tratar de um tema de interesse global, ou seja, que mobiliza pessoas de diferentes áreas de atuação, a divulgação do Seminário deu-se através de diversas estratégias e *mailing list* com ênfase em profissionais da área da educação e saúde que atuam em escolas e organizações prestadoras de serviços para pessoas com deficiência, além das próprias pessoas com deficiência, familiares, representantes do governo e da sociedade como um todo.

A diversificação do perfil de públicos foi intencional, justamente para promover um debate eclético e valorizar tanto o *locus*, território, como a experiência propriamente dita de cada participante.

Abaixo apresentamos as informações sobre o perfil do público, a partir dos dados informados pelos próprios participantes.

Região brasileira	Número de participantes
Sudeste	134
Nordeste	13
Sul	11
Norte	7
Centro-Oeste	5

IMAGEM.

Tabela.

Região brasileira: Sudeste. Número de participantes: 134.

Região brasileira: Nordeste. Número de participantes: 13.

Região brasileira: Sul. Número de participantes: 11.

Região brasileira: Norte. Número de participantes: 7.

Região brasileira: Centro-Oeste. Número de participantes: 5.

FIM DA IMAGEM.

Participantes por região brasileira

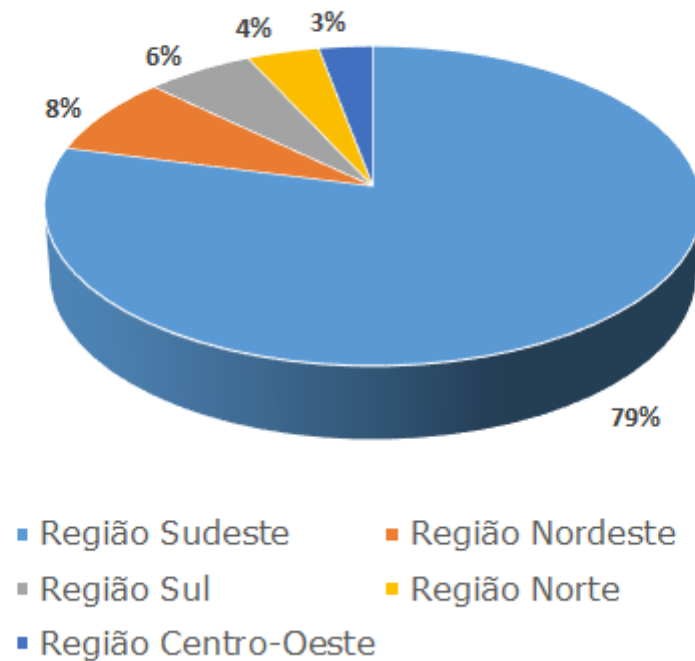


IMAGEM.

Gráfico de setores. Participantes por região brasileira.

Região Sudeste: 79%.

Região Nordeste: 8%.

Região Sul: 6%.

Região Norte: 4%.

Região Centro-Oeste: 3%.

FIM DA IMAGEM.

Quanto à principal ocupação/profissão dos participantes – tendo como base a informação dos participantes para registro em seus crachás.

Ocupação/Profissão	Número/Quantidade
Professor	52
Pedagogo	16
Bibliotecário	8
Psicólogo	7
Jornalista	7
Estudante (não especificado)	6
Assistente Social	4
Servidor Público (não especificado)	4
Revisor Braille	4
Fisioterapeuta	2
Fonoaudiólogo	2
Ortoptista	2
Pesquisador	2
Reitor/Pró-reitor	2
Sociólogo	1
Biólogo	1
Audiodescritor	1
Consultor	1
Arquiteto	1
Advogado	1
Técnico de análises clínicas	1
Não identificado	45

IMAGEM.

Tabela.

Ocupação/Profissão: Professor. Número/Quantidade: 52.

Ocupação/Profissão: Pedagogo. Número/Quantidade: 16.

Ocupação/Profissão: Bibliotecário. Número/Quantidade: 8.

Ocupação/Profissão: Psicólogo. Número/Quantidade: 7.

Ocupação/Profissão: Jornalista. Número/Quantidade: 7.

Ocupação/Profissão: Estudante (não especificado). Número/Quantidade: 6.

Ocupação/Profissão: Assistente Social. Número/Quantidade: 4.

Ocupação/Profissão: Servidor Público (não especificado). Número/Quantidade: 4.

Ocupação/Profissão: Revisor Braille. Número/Quantidade: 4.

Ocupação/Profissão: Fisioterapeuta. Número/Quantidade: 2.

Ocupação/Profissão: Fonoaudiólogo. Número/Quantidade: 2.

Ocupação/Profissão: Ortoptista. Número/Quantidade: 2.

Ocupação/Profissão: Pesquisador. Número/Quantidade: 2.

Ocupação/Profissão: Reitor/Pró-reitor. Número/Quantidade: 2.

Ocupação/Profissão: Sociólogo. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Biólogo. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Audiodescritor. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Consultor. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Arquiteto. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Advogado. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Técnico de análises clínicas. Número/Quantidade: 1.

Ocupação/Profissão: Não identificado. Número/Quantidade: 45.

FIM DA IMAGEM.

Participaram do Evento 27 pessoas com deficiência.

Participantes do Seminário de Educação Inclusiva por principal ocupação/profissão

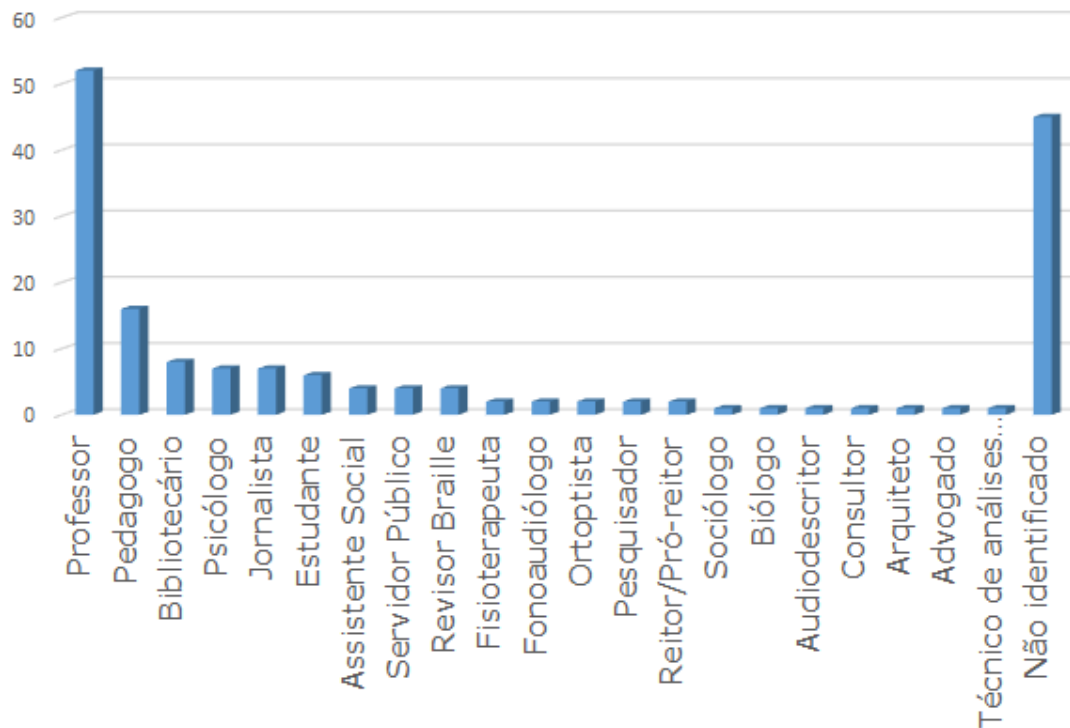


IMAGEM.

Gráfico de barras verticais. Participantes do Seminário de Educação Inclusiva por principal ocupação / profissão. No eixo vertical, a escala de 0 a 60, alterando de 10 em 10. No eixo horizontal, a ocupação/profissão. Os dados são:

Professor: 52.

Pedagogo: 16.

Bibliotecário: 8.

Psicólogo: 7.

Jornalista: 7.

Estudante: 6.

Assistente Social: 4.

Servidor Público: 4.

Revisor Braille: 4.

Fisioterapeuta: 2.

Fonoaudiólogo: 2.

Ortoptista: 2.

Pesquisador: 2.

Reitor/Pró-reitor: 2.

Sociólogo: 1.

Biólogo: 1.

Audiodescritor: 1.

Consultor: 1.

Arquiteto: 1.

Advogado: 1.

Técnico de análises clínicas: 1.

Não identificado: 45.

FIM DA IMAGEM.



IMAGEM.

Fotografia. À esquerda, Grácia Fragalá, mulher de cabelos curtos e escuros, óculos, lenço vermelho com detalhes em azul no pescoço e casaco preto. À direita, Ika Fleury, mulher de cabelo escuro na altura dos ombros, óculos e blusa branca estampada. As duas mulheres estão sentadas de frente para uma bancada com microfones, placas com seus respectivos nomes, duas garrafas e dois copos.

FIM DA IMAGEM.

Abertura:

A abertura do Seminário foi realizada pela senhora Ika Fleury – Presidente do Conselho Curador da Fundação Dorina Nowill para Cegos e pela senhora Grácia Fragalá, Diretora do Comitê de Responsabilidade Social da FIESP.

Ambas destacaram em suas falas a importância em debater e aprofundar o tema Educação Inclusiva, chamando a atenção para as transformações que acontecem por meio da educação e como precisamos garantir a qualidade da mesma para todas as pessoas com ou sem deficiência.

Ambas fizeram um resgate histórico da parceria entre Fundação Dorina Nowill para Cegos e o Sistema S, SESI e SENAI-SP, na realização de projetos que têm como foco a educação em seus aspectos mais amplos, ou seja, ações que impactam desde a educação fundamental até a educação profissional.

Abaixo transcrevemos alguns trechos das falas de senhora Grácia Fragalá e dona Ika Fleury.

Citação:

"O trabalho da Fundação Dorina sempre vem à mente quando pensamos na inclusão social das pessoas com deficiência visual. É impossível falar de pessoas com deficiência visual e não lembrar da Fundação Dorina".

"Se olharmos a história da aprendizagem industrial, protagonizada no cenário do Brasil, quando não se falava ainda em Lei de Cotas, (destaca-se) o SENAI, a partir da criação do Serviço de Adaptação Profissional de Cegos, tendo à frente o professor Geraldo Sandoval de Andrade, que era cego, enfrentando a descrença e inúmeras dificuldades, e que foi construindo um caminho com participação da indústria. E se fez o até então impensável: empregar pessoas com deficiência visual na linha de produção, ombro a ombro com as demais pessoas".

"A educação é um dos principais meios para gerar oportunidade de inclusão e acesso, reduz as desigualdades sociais, (cria) cidadãos conscientes e capazes de construir uma sociedade mais justa e inclusiva".

(Grácia Fragalá, Diretora do Comitê de Responsabilidade Social da FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Fim da citação.

Citação:

"A nossa essência é o ser humano, o ser humano consciente, generoso, resiliente, que tem a plena consciência de que as transformações não acontecem por acaso, são frutos do trabalho e da determinação. Nos 70 anos de existência da Fundação, temos muitas histórias para contar".

"Quando se fala da Dorina, nós falamos da pessoa, do que ela tanto fez por esse Brasil, do tanto que ela fez pela Fundação. Em todos os espaços em que ela circulou, se destacou. Teve oportunidade, a família, os amigos, as pessoas que estavam ao seu redor tiveram esse olhar (para a pessoa), um olhar para Dorina".

"Eu estava refletindo: como estaria o pensamento daquela mãe, mãe da Dorina, que passou, em tão pouco espaço de tempo, por tantas experiências novas? Como ela foi uma mulher maravilhosa, tanto ela como Dorina, enfrentando a vida".

"Quando se fala em Dorina, se fala em educação. A gente tem que percorrer e sempre se lembrar desse legado, um legado importante para todas as instituições. Nós temos cada vez mais de dar independência e emancipação para todos. São lições importantes quando se fala de uma professora. Dorina participou de instituições do mundo inteiro, levando toda sua experiência, o seu conhecimento e adquirindo muito. Por isso, a Fundação Dorina Nowill para Cegos sempre está e estará atualizada. Continuaremos buscando nos outros espaços, outras culturas, tudo de mais moderno que acontece no mundo".

"Nas décadas de 30 e 40, um médico neurologista belga, que era muito famoso na época, disse o seguinte em relação aos alunos: a falta de experiência com a realidade da vida pode prejudicar, em parte, o desenvolvimento do aluno. Por isso, a melhor escola é a que prepara o indivíduo para vida, através da vida. A Fundação Dorina para nós é vida, Fundação Dorina para nós é gente".

"Nós queremos trabalhar cada vez mais para a qualidade de vida do ser humano. Acreditar que as grandes coisas começam com pequenas ações, que nós é que fazemos as transformações em nossa sociedade".

(Ika Fleury, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Dorina).

Fim da citação.



IMAGEM.

Fotografia. Cristina Sanz, mulher de cabelo curto e claro. Ela veste blusa escura com estampa colorida e está sentada de frente para uma bancada com microfone, placa com seu nome, uma garrafa de água e um copo.

FIM DA IMAGEM.

Palestra Magna

Cristina Sanz – Presidente do ICEVI América Latina – Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual

A palestra magna foi proferida por Cristina Sanz, Vice-presidente do ICEVI América Latina - Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual. É educadora e assistente social há 40 anos, com atuações relevantes em órgãos relacionados às pessoas com deficiência visual como ULAC - União Latino Americana de Cegos e ICEVI- Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual.

Inicialmente em sua fala, lembrou a liderança de Dorina Nowill no processo histórico de luta e conquistas das pessoas com deficiência visual, no Brasil e no mundo, remetendo a uma importante questão que emerge no cenário da educação inclusiva: como este processo está se desenvolvendo nos demais países e quais são os problemas enfrentados por eles? Afirma Cristina:

Citação:

(...) Os problemas, nos países da América Latina, são comuns a todos, absolutamente. Há organizações, há países que estão em melhor situação e asseguro que vocês se encontram neste caso, como a Argentina. Se comparamos a situação do Brasil, da Argentina, do Chile e do Uruguai com a Colômbia, com a Nicarágua, Honduras e El Salvador e tantos outros países, vamos admitir que os nossos sem dúvida têm mais possibilidades...

Fim da citação.

Destaca que preparou um texto para discorrer sobre o tema de como a educação inclusiva pode se tornar uma realidade.

Reforça, com propriedade, o papel fundamental da família. Compartilha que nasceu em uma família inclusiva de fato, ou seja, foi educada como mais uma filha, sendo exigida como todos seus irmãos foram, com cuidados necessários, porém sem limitações devido à cegueira. Teve oportunidade de estudar e ser professora, escolhendo o que desejava ser, porém com a consciência de que não é a realidade da maioria das pessoas com deficiência visual.

Ao assumir o cargo na ICEVI, uma organização direcionada à educação das pessoas com deficiência visual, afirmou que significativamente não havia profissionais com deficiência trabalhando nela. Portanto, dois propósitos se delinearam: um deles, tornar protagonista a pessoa com deficiência e um segundo, legalizar a região.

Este ano a assembleia legislativa da ICEVI, com sede no Uruguai, estabeleceu-se e deve ser constituída em cada país.

A educação inclusiva é o reflexo de uma mudança de paradigma, a começar a ver a educação com um direito e ao mesmo tempo abordar o tema da diversidade humana. No início, neste modelo educativo, pensou-se especificamente nas pessoas com deficiência. Porém, revisando as experiências, compreendeu-se que já não se tratava de dar somente uma resposta educativa a esse grupo vulnerável, mas que este resultava eficiente para todas as crianças. A tendência já não era só admitir que crianças com deficiência e crianças sem deficiência compartilhassem a mesma sala de aula, se não se garantisse a forma de atingir a diversidade social, para todos, com igualdade de condições.

Numerosos trabalhos e normativas internacionais dão conta desse processo. Na Conferência de Salamanca, 1994, se reconhece como política mundial a educação inclusiva. Na UNESCO, em 2005, não é só a oportunidade de se conseguir o ingresso na educação, mas sim a define como o processo de identificar e responder às necessidades de todos os estudantes através da maior participação na aprendizagem, nas culturas e nas comunidades, reduzindo a exclusão social. O documento normativo máximo com o que contamos é a Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das pessoas com deficiência, em especial com as definições de acessibilidade, liberdades de opinião e expressão, acesso à informação e à educação. No modelo de educação inclusiva sobressaem quatro ideias que ajudam a explicar seu sentido:

- 1) Inclusão como um direito humano;
- 2) Inclusão como a via para garantir a equidade da educação;
- 3) O direito humano que todos têm de serem educados junto aos seus iguais;

- 4) A necessidade de que a sociedade garanta o desenvolvimento da inclusão.

Para que o avanço efetivo da educação inclusiva seja uma realidade, é necessário olhar para dois grandes aspectos: por um lado, o modelo socioeconômico imperante e, por outro, uma série de mitos que se replicam socialmente, sem serem confrontados com a realidade, levando a prejuízos e preconceitos. Desta maneira, uma instituição educativa resiste veladamente à abertura para uma cultura inclusiva, dizendo que não conta com os meios econômicos e simbólicos para enfrentar os desafios que supõem a inclusão. Na verdade, resistem à diversidade que visivelmente se sobressai, porque o certo é que as escolas trabalham com seres humanos, formando pessoas e as pessoas são diversas por si só. A inclusão educativa demanda um processo de reestruturação global da escola, para responder à diversidade de necessidades de todos e cada um dos alunos.

As escolas especiais devem desaparecer como organizações segregadas, para formar parte integral da educação regular. A mudança simbólica de deixar de ser um ramo da educação especial e se transformar em uma modalidade que acompanha toda a trajetória educativa de uma pessoa, inclusive passando a pensar das necessidades educativas especiais para as necessidades educativas desprendidas da deficiência é um avanço muito importante, porém não suficiente. Vamos nos deter nesta última afirmativa, que parece controversa. Não se trata de negar a "discapacidade" ou de privar os alunos que requerem os apoios específicos, se não de ampliar o conceito de inclusão educativa a um entorno mais abrangente que é a inclusão social verdadeira. Se reconhecermos que a inclusão é um processo e, nesse processo, as escolas especiais também devem transformar-se, para tornar-se ferramenta de apoio dentro de todo o sistema educativo.

Quais seriam então as condições necessárias para falar de inclusão educativa?

Reconhecimento da educação como direito; educação com qualidade; reconhecimento da diversidade como valor e transformação das instituições educativas.

Como tornar factível para que esses meios sejam viáveis, para que não pareçam utópicos?

Os documentos das Nações Unidas estabelecem pontos que são necessários:

- Garantia de educação infantil e fundamental;
- Reconhecimento da diversidade, da igualdade de gênero;
- Compromisso com uma educação de qualidade; garantia de docentes e educadores empoderados, qualificados e apoiados;
- Oportunidades de aprendizagem em todas as etapas da vida;
- Educação que se realize com apoio e segurança;
- Responsabilidade que essa agenda recaia em todos os países, com investimento garantido para a educação;
- Organismos responsáveis para que se cumpram os compromissos. A UNESCO é responsável pela educação 2030, com um compromisso político em estabelecer normas, procedimentos e formas de garantir as metas propostas em diversos planos;
- Organização e coordenação de segmentos e avaliação integral, de forma a ter dados sólidos para análise e acompanhamento;
- Fórum especial em 2015 para coleta de dados e avaliação. Os países devem se esforçar em mandar informes atuais do segmento da educação.

Quais os desafios:

- Capacitação de professores;
- Empoderamento dos pais (coparticipação dos pais no planejamento educacional para que zelem pelos interesses de seus filhos). Os educadores devem trabalhar associados com os pais em pé de igualdade;
- As universidades devem incluir em seus currículos os temas da diversidade humana (todas as profissões devem ter conhecimentos sobre as “discapacidades”) para atuarem de forma adequada em sociedade;
- Que os governos cumpram os objetivos acordados nos documentos internacionais;
- Que as organizações de pessoas com “discapacidade” tenham um rol ativo nessas questões, ou seja, que façam incidência política no cumprimento desses objetivos;

- Que se realizem campanhas utilizando os meios de mídia massiva para informar e formar a comunidade;
- Que em longo prazo se consiga modificação nas práticas culturais;
- Tenha-se consciência e vontade política para a transformação no sentido de um novo enfoque da educação inclusiva;
- Disponha-se plenamente de recursos econômicos para financiar e sustentar os custos que implicam avançar na educação inclusiva.

Não é possível a inclusão sem a imersão em estruturas físicas acessíveis, tecnologia à disposição de todos, formação de profissionais na área, recursos materiais, entre outros. Existência de sinergia entre os diferentes atores sociais para trabalhar articuladamente e com um propósito conhecido por todos. Conseguir o reconhecimento e o respeito às diferenças de todas as pessoas.

Assumir que se devem impulsionar mudanças culturais, avançar para uma cultura inclusiva, o que supõe muito tempo. E, inclusive, o trabalho de várias gerações. Compreender-se que parte especial da educação inclusiva é o reconhecimento e respeito das diferenças que caracterizam todas as pessoas. Isto quer dizer: que se reconheça que a "discapacidade" é parte da diversidade e que à sua vez se entenda que a "discapacidade" é também diversa, cada uma tem suas próprias características. A diversidade é muito mais do que reconhecer e respeitar, é também ter consciência de que cada expressão dessas tem suas particularidades, diferenças culturais, comunidades, povos indígenas, comunidades afrodescendentes. Diferenças econômicas, diferenças nos ritmos e estilos de aprendizagem entre outras. Todas estas válidas e com características próprias, que devem ser tomadas em consideração para conseguir que os ajustes realmente atendam a todos.

Como vemos, os desafios são muitos e variados, exigem o compromisso ativo de toda a sociedade.



IMAGEM.

Fotografia. Cinco mulheres sentadas atrás de uma bancada.

LEGENDA: Palestrantes da Mesa Redonda "Como Caminha a Educação Inclusiva no Brasil. A voz de seus atores e protagonistas: pessoa com deficiência, família, governo, escola e instituições sociais."

FIM DA IMAGEM.

Mesa Redonda:

Como Caminha a Educação Inclusiva no Brasil. A voz de seus atores e protagonistas: pessoa com deficiência, família, governo, escola e instituições sociais.

Composição da mesa:

Ana Claudia Domingues – pedagoga com especialização em educação inclusiva e membro do Conselho Municipal da pessoa com deficiência da cidade de São Paulo

Fernanda Camarota Rodrigues – mestre em psicologia da educação pela PUC/São Paulo. É mãe de Miguel Rodrigues, criança com síndrome de Down.

Shirley Maia – professora doutora em educação inclusiva pela USP/São Paulo, presidente da AHIMSA, associação de atendimento à múltipla deficiência.

Martinha Clarete Dutra dos Santos – diretora de políticas públicas de educação especial do Ministério da Educação de 2008 a 2016.

Regina Fátima Caldeira de Oliveira – Coordenadora da Revisão Braille da Fundação Dorina e mediadora da mesa.

Para falar sob a perspectiva do sujeito com deficiência, foi convidada a pedagoga Ana Cláudia, que iniciou sua fala contando-nos sobre o seu processo de luto com a perda da visão em função de uma doença progressiva que implica numa degeneração da retina, chamada retinose pigmentar.

Ana centrou sua fala na ação pedagógica do educador, inicialmente como um agente que pode, inclusive, sinalizar a existência de algum problema de visão, por exemplo.

Citação:

“— Olha, a Ana Claudia não está alfabetizada e eu percebo que existe alguma coisa errada. A família não tem essa percepção, é a escola que pode sinalizar isso, realmente. E encaminhar para uma oftalmologista, que fez um diagnóstico. Eu tive a presença de professores que reconheciam o meu potencial”.

Fim da citação.

Ana narrou *“exemplos de atitudes positivas e negativas dos professores ao longo do processo de estudo: desde a alfabetização até a universidade”.*

Também lembrou que no Brasil o vestibular disponibiliza sala e materiais adequados para alunos com deficiência visual, mas ressalta que *"foi um processo difícil, doloroso, muito mais difícil do que o meu processo na escola de ensino fundamental, porque as crianças, os meus amigos ali prestavam toda a assistência. Para as crianças é tudo muito simples. E para o adulto fica tudo muito complexo"*. Ana fala da resistência dos colegas, na universidade, de se aproximarem. Mas fala que um fator facilitador foi seu bom desempenho acadêmico. *"E, felizmente, eu sempre fui uma aluna que tive um bom desempenho acadêmico e aí as pessoas queriam estar ao meu lado, até para fazer trabalho"*.

Citação:

"Eu consegui fazer algumas transformações dentro da universidade, no sentido da aquisição de software de voz nos computadores, áudio-livros na biblioteca, instalação de piso tátil, sinalização em braille. Realmente, eu marquei território e pude levar a algumas mudanças, a partir do meu processo educacional. Em paralelo, na minha atuação profissional isso também aconteceu".

Fim da citação.

Ana comenta seu processo de admissão profissional a partir de concurso público.

Citação:

"Na prefeitura, eu fui aprovada na prova prática, mas, quando eu tive que passar no exame do oftalmologista, ele me colocou como inapta. Não se falava na época em lei de cotas, e naquele momento eu entrei com um recurso. Fiz uma prova prática e uma das atividades era leitura de um livro para as crianças. Eu já não tinha um campo visual favorável para leitura fazia muito tempo, então eu me baseei nas imagens. Em consequência disso, o recurso foi indeferido. Entrei (novamente) com um processo. Enfim, quando eu tive uma resposta positiva, mandaram-me lá para casa do chapéu, em Parelheiros."

Realmente não abracei a causa. Fui percebendo que dentro de escolas privadas eu poderia ter uma visibilidade melhor. Batendo de porta em porta, em uma das escolas a diretora falou 'Vem, senta aqui. Eu sou mãe de uma pessoa com deficiência visual. Tem uma sala de alunos de 2 e 3 anos, que já tiveram três professores esse semestre. É uma sala muito agitada. Mas se você tiver disposta, você mostra que é capaz'. E aí eu tive essa experiência, minha primeira experiência, extremamente desafiadora".

Fim da citação.

Simultaneamente ao processo de perda gradativa da visão, Ana fala de seu comprometimento cada vez maior com a questão da deficiência.

Citação:

"Em paralelo à minha visão sendo comprometida cada vez mais, eu entendi também que, além da área da educação, eu tinha que ter um movimento de protagonismo mais amplo. E aí eu comecei a buscar (compreender) questões envolvidas com as políticas públicas. Fui fazer curso de política pública para conhecer os direitos da pessoa com deficiência e para entender melhor os meus direitos e deveres. Hoje eu estou como conselheira, no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, como representante na vaga da pessoa com deficiência visual. Sou responsável pelo eixo educação e acessibilidade e venho fazendo um trabalho junto à escola".

Fim da citação.

O grande objetivo de Ana é fazer a interlocução entre os professores, o aluno com deficiência e a família. Critica o fato de que a criança ou adolescente com deficiência é ainda pertencente muito mais ao professor especializado do que responsabilidade do corpo todo da escola. E lamenta também que haja uma resistência do professorado em enxergar o aluno. Afirma que o professor parece enxergar a deficiência em primeiro lugar.

Para finalizar sua palestra, Ana conclui que:

Citação:

"Enquanto o professor não entender esse aluno com deficiência, seja qualquer deficiência, se ele não se apropriar, se ele não chegar junto, não entender que tem que trazer esse aluno para próximo dele, buscar estratégias para desenvolver um trabalho, efetivamente a inclusão não acontece. Eu, como pessoa com deficiência visual e educadora, vou dizer para vocês que o processo de aprendizagem acontece nessa relação, nesse diálogo professor/aluno. A partir do momento, desta mística, e estimulando o potencial, a aprendizagem acontece. A aprendizagem não envolve só o aspecto cognitivo. O aluno adquire outras condições, dignidade, valores para continuar fazendo a sua história de forma bem sucedida".

Fim da citação.

Fernanda Camarotta, psicóloga, contribuiu com seu depoimento como mãe de Miguel, que tem síndrome de Down, trazendo à tona reflexões e escolhas que as famílias fazem diante o diagnóstico de um filho com deficiência:

Citação:

"... agradeço pela oportunidade de estar aqui, falando sobre meu melhor papel, que é ser mãe do Miguel. Sou psicóloga de formação, sou especialista no atendimento da pessoa com Síndrome de Down há treze anos e há cinco anos desempenho um papel maravilhoso, que é o de ser mãe do Miguel."

Fim da citação.

Em sua fala emocionada destaca o impacto ao receber a notícia do diagnóstico e sobre as escolhas realizadas pelo casal, inclusive sobre a opção de levar a gestação adiante:

Citação:

"Receber a notícia de um filho com Síndrome de Down não é fácil, é traumático para quem vive isso, a gente não tem preparo, por mais especialidade que você tenha. Nos foram oferecidas todas as possibilidades do mundo de abortar o Miguel. Fico feliz que a gente esteja mudando os números graças a uma mudança cultural e social. Hoje em dia, de dez casais que recebem esse diagnóstico, um aborta e nove prosseguem com a gravidez. É um avanço. Mas temos muito o que fazer."

Fim da citação.

Além da Síndrome de Down, Miguel apresenta a doença de Moyamoya, que trouxe muitas complicações em seu coração e no cérebro o que levou a uma série de intervenções cirúrgicas e sequelas. Fernanda se refere ao filho:

Citação:

"É uma criança lutando pela vida, um guerreiro."

Fim da citação.

Em relação ao processo educacional de Miguel, Fernanda relata que muitas dificuldades foram encontradas e destaca a importância dos educadores verem o indivíduo e não a deficiência, e que ainda estamos longe de uma educação inclusiva de fato:

Citação:

"Quem é esse indivíduo? Quem é essa criança que vai chegar numa escola? O projeto de educação inclusiva é real quando a gente olha por trás da deficiência. Temos indivíduos com necessidades, sejam elas quais forem. Como educador, um trabalho inclusivo de qualidade é feito quando a gente consegue olhar esse indivíduo. É muito triste chegar numa escola, eu digo grandes escolas de São Paulo, com mensalidades em torno de 2.500 a 3 mil reais, e a escola falar que não tem recursos para aceitar o seu filho. Então, a prática da inclusão é ainda – e, por favor, não me matem por falar isso – uma mentira!"

A teoria linda, a lei existe, eu e meu marido optamos por não usar a lei como recurso, porque a gente realmente acredita que se usássemos a lei a escola não atuaria de uma forma confiável. E aí a gente foi buscar escolas que realmente tivessem essa proposta de inclusão. E encontramos. Então, você se depara com todo o resto. Você se depara com famílias preconceituosas e se depara com o desconhecimento. E eu acho que esse trabalho – família, escola, sociedade – é fundamental para que a coisa aconteça.”

Fim da citação.

Atualmente Miguel frequenta uma escola que está realizando um trabalho de inclusão e a família está satisfeita com os resultados. Neste momento descreve as ações que permeiam esse processo inclusivo:

Citação:

“... na atual escola a diretora chamou para uma reunião e disse para os pais, muito claramente: “esta é uma escola inclusiva, teremos alunos com deficiências”. Se algum pai ou mãe não estiver à vontade com isso, se algum professor não se sentir adequado, temos duas saídas: capacitá-los ou podem ir embora.”

Fim da citação.

Reforça também a importância da constante parceria entre pais, escola e terapeutas:

Citação:

“Cabe a nós, sim, protagonizarmos a nossa história.”

Fim da citação.

Concluiu sua fala ressaltando que toda a sociedade ganha no relacionamento com as diferenças:

Citação:

“Miguel me ensina a ser uma pessoa melhor, refletindo nas nossas ações diariamente”.

O professor, por exemplo, quando chega na sala de aula um aluno com qualquer deficiência, ele tem esse preconceito. Ele acha que vai atrapalhar o rendimento, que vai ser diferente, e hoje a gente vê como é bacana: todas as estruturas que são montadas para o Miguel em sala de aula, são montadas para todas as crianças. São crianças de cinco anos. Se isso não for ajudar, atrapalhar não vai. Ah, colocar um desenho de um animal na cadeira para ele identificar que aquela é a cadeira dele e teve criança que se beneficiou muito com isso. São maneiras diferentes de aprendizado e todo mundo cresce com isso. Então, eu acho que o meu recado como mãe, como psicóloga, como protagonista, porque eu faço questão de defender a bandeira do Miguel, é: a gente precisa se mexer. E se mexer buscando alternativas junto à sociedade, eu acho que não podemos ficar nesse papel só de reclamar, porque tem muita gente que só reclama e não vai em busca de soluções. Mas realmente, na prática, a gente ainda tem muito o que aprender. E eles são indivíduos como qualquer outro. E meu filho é tudo na minha vida.”

Fim da citação.

A professora Shirley Maia contribuiu para as discussões, falando no papel das instituições especializadas no atendimento de pessoas com deficiência, narrando as parcerias que estabeleceu com a Fundação, na época da professora Dorina e, mais recentemente, com a Secretaria Municipal de Educação. Shirley afirma acreditar na importância de as instituições especializadas estabelecerem parcerias entre si e com as políticas públicas.

A educadora Shirley Maia coordena a instituição AHIMSA, que atua com pessoas com deficiências múltiplas e surdocegueira.

A palestrante marca sua fala desde o início com a recomendação de adotarmos uma postura idealista. *"A gente tem que ser idealista naquilo que deseja. Acredito que foi graças a isso que (progredimos) quando lembramos que nossa área só foi reconhecida no ano de 2000 no Ministério da Educação".*

Neste sentido, continua descrevendo as inúmeras conquistas alcançadas na área da deficiência múltipla e as estratégias que devem ser utilizadas na educação inclusiva.

Citação:

"A gente pensa na linha do Desenho Universal para Aprendizagem, porque a educação é para todos, então não há porque diferenciar a pessoa com deficiência. Uma das estratégias é a gente trabalhar na educação com o ensino colaborativo, onde o professor especializado vai ter um papel, não só de orientar, mas trabalhar junto com o professor, com o papel de codocência e tentar trazer estratégias que possam ser boas para a turma e não somente para a pessoa com deficiência".

Fim da citação.

Em relação à participação da família, Shirley reafirma a importância de tornar a família um parceiro, *"um membro desta equipe para poder discutir e traçar o que é mais importante para o seu filho, dentro de um plano escolar, dentro da sociedade e mesmo, às vezes, na própria família, a partir das necessidades que eles possam ter"*.

Algumas vezes a escola se vê em situações extremas como a de matricular e garantir a frequência e o sucesso educacional para crianças que utilizam *home care* e ou respirador.

Citação:

"Como a escola aceita um home care dentro da sala de aula? Então, é necessário conversar com os pais, para conscientizá-los de que, apesar de necessitar do home care, ele (o aluno) tem o direito de estar ali, ele também é uma criança que precisa estar na escola. Nós temos visto que os pais, às vezes, se assustam porque eles também acham que não é possível. E aí a gente tenta mostrar que isso é possível, que para isso a gente tem que mudar esse espaço educacional no sentido de atender a todos de fato, na sua diversidade. A gente vai ter que mudar valores, nós vamos ter que mudar também a nossa visão. Precisamos nos organizar para poder atender essas reais necessidades.

Então, as ações que a gente faz, enquanto instituição, que eu fiz inclusive com a Fundação, junto com a Secretaria Municipal da Educação, são ações em conjunto com os Centros de Formação em Educação e Apoio à Inclusão – CEFAI”.

Fim da citação.

Shirley dá exemplo de um trabalho realizado em parceria.

Citação:

“Nós realizamos um projeto de 2008 até 2011, que foi a organização de formações de equipes colaborativas, com a participação de pais, gestores, auxiliares, professores da sala, professores especializados, para conhecer essa nova visão que é preciso ter. Não é uma situação posta. É preciso ter uma filosofia de incluir. É ter em mente que todos têm realmente o direito a esse momento em todos os espaços da vida. Não é só na escola, mas começando no lar, estendendo-se para outros lugares”.

Fim da citação.

Fala também dos resultados alcançados com esse tipo de trabalho.

Citação:

“Na época, a gente conseguiu trabalhar com 8 (regionais). Foi um trabalho muito grande e a gente conseguiu incluir quase 40 crianças com deficiências múltiplas e oito pessoas com surdocegueira. Fico feliz, porque a gente tem muitas pessoas com surdocegueira no nível universitário”.

Fim da citação.

A educadora alerta para a necessidade de o professor das salas de apoio interagir com o professor da sala de aula, no sentido de realizar um trabalho mais amplo com toda a classe.

Ela afirma também que é necessário preparar a área de saúde para dar apoio à educação e se aprimorar para realizar avaliações na área da deficiência múltipla, tanto visual, quanto auditiva. *"Nós temos muitas dificuldades ainda para obter avaliações da área da saúde. Como avaliar essas crianças que não falam? Como a gente consegue realmente ter clareza sobre as necessidades que elas têm"*.

Shirley lembra que a família precisa de um descanso porque, na maioria das vezes, vive em função de uma agenda de atenções, com várias sessões semanais. É importante que os profissionais juntos discutam como poder realmente dar um respiro à família.

Na opinião da palestrante, o papel da instituição é o de formação dos profissionais, *"principalmente dos guias intérpretes para as pessoas com surdocegueira adquirida, para que possam participar em diferentes lugares, não só na educação. Ressalta a importância de participar de conselhos. Hoje nós temos gente como a Cláudia Sofia, a Camila que estão aí no conselho, na luta incansável que a gente tem"*.

Outro exemplo do papel das instituições especializadas, segundo a professora, são as confecções de recursos (de apoio pedagógico). Shirley conta que foi ao Canadá para conhecer o trabalho dos instrutores mediadores. Outro papel da instituição mencionado pela palestrante é o apoio às famílias e a questão da defesa de direitos. A AHIMSA realizou um curso de autogestão para familiares e pessoas com deficiências múltiplas e surdocegas.

O apoio às famílias às vezes exige que se realize atendimento domiciliar, como no caso narrado pela educadora.

Citação:

"Nós recebemos um menino que antes não tinha deficiência alguma. Quando tinha oito anos, sofreu um atropelamento e ficou tetraplégico, com respiração artificial, e a gente tinha que atender, porque ele estava num "coma vigil". E com o trabalho do atendimento domiciliar, esse menino respondeu. Hoje ele enxerga com dificuldades e a gente está usando tablet para que ele possa ser favorecido nesse momento.

Aí entram as questões de tecnologias. Como nós podemos usá-las dentro de uma visão atual de que devemos usar todos os recursos para garantir a educação”.

Fim da citação.

Shirley termina sua palestra falando da importância do trabalho das universidades, citando como exemplo um trabalho realizado pela FMU, atendendo jovens e adultos que, por serem deficientes múltiplos, com problemas neuromotores e visuais, não frequentam a escola. Esse trabalho, na opinião da professora, está fazendo todo o diferencial na vida deles.

Para falar a partir do ponto de vista governamental, a professora Martinha Clarete nos brindou com uma retrospectiva da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, convidando, principalmente, os professores a realizarem uma reflexão sobre esse tema.

Citação:

“Falo para todos os educadores e educadoras que, à medida em que a inclusão caminha diuturnamente, eliminamos barreiras e conquistamos direitos. Portanto, não se trata de um processo estático. Por isso é chamado de processo. E está em franca evolução, se todos nós nos comprometermos com ele. Não é uma construção unilateral, mas é uma construção coletiva, que pressupõe a articulação com a sociedade, entre os seus diversos segmentos, a família, a escola e, falando em escola, a comunidade que a compõe, ou seja, os estudantes, os pais, os trabalhadores em educação e o entorno onde a escola se situa, a realidade local, os poderes instituídos”.

Fim da citação.

A professora explica que *“A escola representa um microcosmo da sociedade. A sociedade como um todo se faz representar na escola. Se a sociedade tem preconceito, na escola também há preconceito. Se na sociedade há violência, há discriminação, a escola também passa por esses processos”.*

Portanto, não havendo distinção entre o que ocorre na sociedade e na escola, é fundamental que trabalhemos por mudanças culturais simultaneamente na escola e na sociedade, porque quando há alterações em um dos âmbitos, o outro também será alterado. A escola contribui para diminuir os preconceitos da sociedade e esta, por sua vez, pode pressionar a escola para caminhar no sentido da inclusão social.

Quando Martinha fala sobre a questão da preparação da escola e, conseqüentemente, dos trabalhadores da educação, alerta sobre este mito.

Citação:

"Quando alguém me diz que não está preparado, eu digo: mas ninguém está preparado. Eu sou habilitada para o magistério, mas eu nunca estarei preparada para ser professora, eu me preparo continuamente, porque, à medida em que eu conheço meus novos alunos, em que me proponho a me relacionar com as turmas, com os diferentes níveis e etapas da educação, eu me reconstruo, eu me reinterpreto, eu busco novos conhecimentos, eu produzo novos conhecimentos".

Fim da citação.

Martinha continua:

Citação:

"Como caminha a inclusão? Caminha na contradição, do que pode, do que não pode, do que é permitido, do que não é. Mas, sobretudo, a educação inclusiva é uma mola propulsora da formação de novas concepções da pessoa humana. Porque, para fazer uma educação inclusiva, nós precisamos mudar a mentalidade".

Fim da citação.

Ela ainda afirma que *"a mudança é bilateral. Por isso que não existe mudança em lugar nenhum se a gente não estiver presente"*. Assim, para que exista a Educação Inclusiva é necessário que todos os alunos estejam presentes e atuantes na escola.

Para que a escola se “prepare” para educar uma criança com deficiência é preciso que esta seja uma presença na classe.

Diante disto, a professora Martinha narrou quais foram as ações do ponto de vista governamental e os marcos legais conquistados de 2008 até 2016.

Citação:

“Eu não creio que uma mudança se faz por uma lei, por um decreto, por uma nova constituição. Somente, não. Mas também com ela. Então, por que não, mas também, com ela? Porque são frentes distintas que se aglutinam e se fortalecem. Então, se a família não assumir o direito da menina, do menino, da criança à educação, já não vai funcionar. Se a escola não fizer o seu papel, se a rede de ensino não assumir as suas responsabilidades, se a sociedade como um todo não marchar para que esse processo flua, nós vamos instituir barreiras, ao invés de eliminá-las. Agora, havendo um encontro entre essas diferentes frentes de trabalho, de atuação e de eterna ruptura, conseguiremos”.

Fim da citação.

Resgatando a importância da lei e do poder público como fator indutor da política, a professora Martinha continua:

Citação:

“Porque todos os dias nós temos que romper uma barreira. Aí, eu acredito que o trabalho se acelera. Então, por isso a importância do poder público assumir o seu papel indutor. Porque, ao definir nova legislação, nós também induzimos um novo planejamento, um novo financiamento e, também, induzimos ações que possam fazer diferença no sentido de apoiar as famílias, apoiar as escolas”.

Fim da citação.

Ao falar sobre a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ela reafirma a importância da sua ratificação, na medida em que é um conjunto de medidas que o nosso país adota entre os três poderes, o executivo, o legislativo e o judiciário, para dar sustentação legal e política para essa mudança de concepção.

Citação:

"Trata-se de alterar o mais alto diploma legal no arcabouço jurídico do país. Então, a partir dessa ratificação, com esse status, o Ministério da Educação se vê com o compromisso de alinhar as normativas da educação nacional".

Fim da citação.

Assim, a palestrante esclarece qual é o papel de um órgão do governo federal no que se refere à educação, considerando as diferentes atuações na educação dos três entes federados: município, estado ou Distrito Federal, e União.

Citação:

"Cabe ao ente federal, no caso o Ministério da Educação, definir as diretrizes da educação nacional que devem ser seguidas, tanto pelas redes públicas, quanto redes particulares de ensino. E aí é que vem a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, definindo essas estratégias, colocando o foco na formação docente, na formação continuada. Porque a formação continuada é altamente mobilizadora, é altamente catalizadora dessas possibilidades que a escola tem, dessa necessidade de mudança de postura, de mudança de prática pedagógica, de favorecimento para aprendizagem das pessoas com diferentes perfis".

Fim da citação.

A professora também definiu a característica do atendimento educacional especializado como um serviço da educação especial que, na perspectiva inclusiva, não é substitutivo, mas é complementar, e reúne um conjunto de serviços e de recursos para a promoção da acessibilidade, para a promoção do atendimento a essas peculiaridades dos sujeitos presentes na escola.

Martinha esclarece ainda que a legislação definiu também as condições de acessibilidade, como uso de tecnologia assistiva, da mobilidade, das estratégias para a comunicação alternativa, não só o Tadoma, mas também, por meio do aprendizado de libras tátil, como um conjunto de serviços para o atendimento das crianças com diferentes perfis de comunicação. E trazendo o profissional de apoio para a escola como um profissional que poderá apoiar as atividades de higiene, de locomoção e também de alimentação, o professor com essa função de articular serviços, de fazer essa ação intersetorial acontecer, em favor do desenvolvimento do aluno e o desenvolvimento inclusivo da escola.

Com a Política, o Conselho Nacional de Educação, de 2008 para cá, elaborou todas as resoluções que foram publicadas trazendo como objetivo central a educação inclusiva, apontando os caminhos de sua construção.

Assim, tivemos a lei 12764, que trata da política de atenção às pessoas com o espectro autista, a lei 13005, que institui o Plano Nacional de Educação, que estabelece no artigo 8º, mais propriamente, no inciso 3 do parágrafo 1º desse artigo, que todos os entes federados, município, estado, distrito federal e união deverão apoiar o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, no campo público e privado. A professora, continuando a apresentar o rol das leis relacionadas à construção da educação inclusiva, menciona a Lei 13146, chamada de Lei Brasileira de Inclusão – LBI e, no seu capítulo 4, determina a operacionalidade do artigo 24 da Convenção.

Com relação aos indicadores dos avanços alcançados na educação inclusiva no Brasil, a professora Martinha nos fala de dados do último Censo da educação básica no Brasil. Alerta que devemos ter em mente quando observamos esses indicadores que *"estar na escola é o mesmo que atravessar a porta. É nesse momento que a gente faz a transformação, que a gente faz a mudança, que é contínua, que é progressiva, que é permanente. Só que, sem estar na escola, essa mudança não acontece"*.

A professora ainda informa que:

Citação:

"Atualmente o Brasil tem praticamente um milhão de matrículas de pessoas com deficiência na educação básica, pública e privada. Dessas, 81% estão em classes comuns do ensino regular. Se a gente considerar só escola pública, que são 85% dessas matrículas, desse um milhão, nós vamos ter 93% nas classes comuns do ensino regular. E aí eu queria falar sobre as matrículas de pessoas cegas no Brasil. Temos 7154 matrículas. E dessas, 80% em classes comuns do ensino regular. Então, temos um ponto percentual abaixo do geral que é de 81%. Baixa visão, nós temos 68279 matrículas, destas, 94% em classes comuns do ensino regular. Em São Paulo, cegos e cegas, 1220 matrículas no estado. 71% em classes comuns do ensino regular. Baixa visão, no estado de São Paulo, 8992 matrículas. 92% em processo de inclusão. Salas de recursos multifuncionais, que é um apoio importante, porque disponibiliza um conjunto de 50 itens de tecnologia assistiva para as escolas públicas brasileiras. Então, no Brasil, nós temos 42 mil escolas atendidas. Só no estado de São Paulo, na rede estadual temos 235, apoiadas pelo Ministério da Educação. O estado implantou outras por conta própria. O município possui 3468 salas de recursos, também apoiadas pelo Ministério. Escola acessível, no estado de São Paulo, 1975 escolas. Municipais, 4240 escolas são acessíveis. Transporte: 227 veículos para 111 municípios foram financiados com recurso nacional. Para concluir, eu queria dizer que no Brasil todo, nós temos 41 instituições federais de educação superior com financiamento próprio para manter essa formação continuada acontecendo, além do Plano de Ações Articuladas, que é um apoio às secretarias estaduais e municipais de educação, que também tem uma ação própria para a educação de alunos com deficiência. Tudo isso gerou, de 2009 até agora, 98 mil professores participando dos cursos de formação que tem continuidade, à distância e presencialmente".

Fim da citação.

É importante ter em mente o que a professora Martinha finalizou como recomendação para reflexão:

Citação:

"Existe um trabalho de estruturação dessa política pública, mas que por si só não vai fazer a escola mudar, se a gente não tiver atuando diretamente na escola como pai, como mãe, como professor, como aluno, como coadjuvante do processo, como protagonista, nos espaços educadores da nossa comunidade. É importante que façamos de forma articulada".

Fim da citação.

Podemos concluir, a partir desta mesa, que todos os palestrantes reconhecem que o caminho a ser seguido é o de todos os atores e instâncias sociais estarem envolvidos com a questão da educação inclusiva e, principalmente, que todos busquem estabelecer parcerias, na medida em que o trabalho na área das pessoas com deficiência não pode prescindir de uma postura colaborativa entre:

- Professores das salas comuns e professores especializados;
- Todos os agentes educacionais na escola;
- Escola e família;
- Área da educação e a área da saúde;
- Institutos de ensino superior e rede pública de educação;
- Instituições especializadas e rede pública de educação e
- Governo e sociedade.

As palestras desta mesa redonda deram subsídios para que os participantes do seminário discutissem os desafios postos, hoje.



IMAGEM.

Fotografia. À direita, um participante do seminário, homem de cabelo escuro, óculos e casaco preto. Ele segura um microfone. Ao lado dele, um homem de cabelo escuro e camisa clara e uma mulher de cabelos escuros e blusa preta. Ela olha para o homem que está segurando o microfone. Ao fundo do auditório aparecem outros participantes do Seminário.

LEGENDA: Auditório da FIESP – Seminário Internacional de Educação Inclusiva.

FIM DA IMAGEM.

Atividade: “Educação Inclusiva: questões e soluções vindas da prática cotidiana”

A atividade que abriu os trabalhos no período da tarde foi construída com o objetivo de ampliar a discussão sobre a Educação Inclusiva, porém, como o próprio nome diz, trazendo questões da prática dos participantes do Seminário.

O desafio estava colocado. Para a realização desta atividade, tivemos como parceiros o senhor Rogério Magon e a senhora Mariangela Paiva de Oliveira, consultores do Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social, que desenharam uma metodologia de trabalho para estimular o debate coletivo, como um grande fórum de diálogos sobre a Educação Inclusiva.

No ato da inscrição para participar do Seminário Internacional de Educação Inclusiva: avanços e possibilidades, o participante foi convidado a responder a seguinte pergunta: Quais os principais desafios que você enfrenta na questão da educação inclusiva?

A partir das respostas dos participantes, os desafios mencionados foram analisados e agrupados em categorias, gerando ao todo 422 citações nas respostas, agrupadas em 13 grandes categorias. São elas:

Desafio	Citações	
Formação e capacitação dos professores	101	24%
Preconceito, Barreiras atitudinais, Aceitação, Falta de conhecimento, Cultura, Mudança de paradigma	88	21%
Legislação, Políticas públicas, Acessibilidade	75	18%
Criação de uma rede de apoio, parcerias, relacionamento escola/família/trabalho, engajamento, integração	39	9%
Falta de estrutura física e recursos pedagógicos	28	7%
Adaptação curricular	27	6%
Educação com qualidade	15	4%
Superar a "pseudo" inclusão	13	3%
Falta de recursos financeiros, investimentos públicos	10	2%
Entender as necessidades, compreender o "mundo sem visão"	9	2%
Realizar pesquisas, atualização, troca de experiências, discussões sobre a prática	7	2%
Gestão escolar inadequada	6	1%
Empoderamento, Autonomia, Independência, preparo para vida	4	1%

IMAGEM.

Tabela.

Desafio: formação e capacitação de professores. Citações: 101. 24%.

Desafio: Preconceito, Barreiras atitudinais, Aceitação, Falta de conhecimento, Cultura, Mudança de paradigma. Citações: 88. 21%.

Desafio: Legislação, Políticas públicas, Acessibilidade. Citações: 75. 18%.

Desafio: Criação de uma rede de apoio, parcerias, relacionamento escola/família/trabalho, engajamento, integração. Citações: 39. 9%.

Desafio: Falta de estrutura física e recursos pedagógicos. Citações: 28. 7%.

Desafio: Adaptação curricular. Citações: 27. 6%.

Desafio: Educação com qualidade. Citações: 15. 4%.

Desafio: Superar a "pseudo" inclusão. Citações: 13. 3%.

Desafio: Falta de recursos financeiros, investimentos públicos. Citações: 10. 2%.

Desafio: Entender as necessidades, compreender o "mundo sem visão". Citações: 9. 2%.

Desafio: Realizar pesquisas, atualização, troca de experiências, discussões sobre a prática. Citações: 7. 2%.

Desafio: Gestão escolar inadequada. Citações: 6. 1%.

Desafio: Empoderamento, Autonomia, Independência, preparo p/ vida. Citações: 4. 1%.

FIM DA IMAGEM.



IMAGEM.

Fotografia. Rogério Magon, homem de cabelos grisalhos, óculos. Ele veste camisa clara e casaco marrom e segura um microfone.

LEGENDA: Rogerio Magon – mediador da atividade.

FIM DA IMAGEM.



IMAGEM.

Fotografia. Mariangela Paiva Oliveira, mulher de cabelos grisalhos na altura do queixo, óculos e olhos claros. Ela veste blusa marrom, lenço colorido no pescoço e segura um microfone.

LEGENDA: Mariangela Paiva Oliveira – mediadora da atividade.

FIM DA IMAGEM.

Os desafios em debate

De acordo com a metodologia proposta, foram escolhidos os três temas, entre os mais citados como relevantes, pelos participantes do seminário, a fim de debater com a plateia, a partir da narração de experiências práticas.

Principais desafios

- Formação e capacitação de professores
- Preconceito, desinformação, barreiras atitudinais
- Legislação, políticas públicas, acessibilidade

Para cada desafio proposto, convidamos profissionais para expor suas experiências, contribuindo e fomentando o debate. Após a exposição destes profissionais, a palavra foi dada aos participantes que puderam perguntar e ou trazer também suas experiências práticas.

Após o debate de cada desafio, a Psicóloga Ana Rita de Paula e a consultora em Inclusão Marta Gil, duas das mais renomadas especialistas em inclusão social, no Brasil, teceram seus comentários para contribuir e ampliar o debate.

Os convidados para cada desafio foram:

1) Formação e capacitação de professores

Professora Maria Luiza Bonilha Bruno – Responsável pelo CEFAI Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão e SAAI – Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão da Diretoria Regional de Educação da Capela do Socorro da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Professora Nelci Faria – Coordenadora da Diretoria de Ensino Regional Centro-Oeste da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

2) Preconceito, desinformação, barreiras atitudinais

Professores Cintia Rodrigues e Carlos Fragata de Parintins – Secretaria de Educação de Parintins (AM).

3) Legislação, políticas públicas, acessibilidade

Professoras Érica de Melo Guerra e Vanessa Barbosa da Silveira – Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal (RN).

Segue abaixo uma síntese descritiva da atividade.

1) Formação e capacitação de professores

A professora Nelci Faria, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, iniciou o debate contando o trabalho realizado pelo seu departamento.

A professora inicia questionando o que seria de fato incluir, uma vez que a mera matrícula e frequência às salas de aula são insuficientes. É necessário garantir que os alunos com deficiência, junto com toda a turma, tenham realmente uma aprendizagem significativa.

Citação:

*"O que nós, educadores, estamos fazendo? Será que estamos, realmente, enxergando esse ser além das dificuldades que ele apresenta? Educação inclusiva é a garantia de uma educação de qualidade para todos. Não só para aqueles que apresentam uma deficiência, mas educação de qualidade para **todos**. Todos nós somos diferentes".*

Fim da citação.

A palestrante afirma que a escola muitas vezes é excludente.

Citação:

"A escola exclui porque não deixa entrar os que estão fora. A escola também exclui porque põe fora os que estão dentro. Aqueles que também não aprendem, a gente acaba excluindo. O aluno não é do professor, ele é da escola. A escola exclui porque a inclusão deixou de fazer sentido. É preciso enxergar além das dificuldades, das deficiências do indivíduo. A gente tem que ser sensível, ser mais humano. Eu tenho falado muito isso com meu grupo: infelizmente nós temos perdido, ao longo do tempo, a sensibilidade. É preciso resgatar isso, fazer algo pelo outro. Tem tanta gente com capacidade, fazendo coisas maravilhosas e a escola acaba excluindo esse pessoal ou botando uma pedra, afundando esses indivíduos".

Fim da citação.

A professora continua se questionando e questionando a plateia.

Citação:

"Qual é o problema da escola? É o currículo? A escola em si e a sociedade pensam que incluir é construir currículos alternativos.

Eu tenho que fazer adaptações curriculares, usar novas estratégias, até mudar didática, mas não mudar o currículo. O currículo é feito para todos. Cabe ao profissional fazer suas adaptações. Ter esse olhar diferenciado, apresentar atividades diversificadas que atendam o currículo de uma rede, sensibilizar com relação a inclusão”.

Fim da citação.

Nelci comenta que os maiores problemas enfrentados em sua região não são financeiros ou de materiais e sim em relação à formação e à sensibilidade desse profissional. Afirma:

Citação:

“Quando houver uma formação para todos e essa sensibilidade atingir o maior número possível desses indivíduos, será possível fazer acontecer uma educação inclusiva em todo o nosso país”.

Fim da citação.



IMAGEM.

Fotografia. Professora Nelci, mulher de cabelo escuro na altura dos ombros e óculos. Ela usa uma blusa de lã bege. À sua frente há um microfone. Atrás dela, outras duas mulheres e uma placa na frente delas escrito FIESP.

LEGENDA: Professora Nelci.

FIM DA IMAGEM.

A professora Maria Luiza, do CEFAl da DRE Capela do Socorro, da Educação Inclusiva do município de São Paulo, conta que a equipe só foi montada com sete professores especializados (PAAIs – Professores de Apoio e Acompanhamento à Inclusão) muito recentemente, tentando chegar a dez profissionais, de acordo com o decreto nº 45415 de 18 de outubro de 2004 que estabelece diretrizes para a Política de Atendimento a Crianças, Adolescentes, Jovens e Adultos com Necessidades Educacionais Especiais no Atendimento Educacional Especializado e do professor especializado.

A professora Maria Luiza destaca, entre as atribuições do PAAI – Professor de Apoio e Acompanhamento à Inclusão, a de acompanhamento pedagógico itinerante à comunidade educacional.

Citação:

"A gente vai de escola em escola. Conhecendo as crianças. Conversando com a coordenação. Primeiro levantando o que é que não está bom, ou o que ela tem mais dificuldade, ou o que ela necessita do serviço. E, depois, a gente parte para conhecer as crianças e, em seguida, começar a agir. Às vezes, por exemplo, é na área da saúde que o aluno precisa de ajuda. Então, a gente passa a articular com a regional de saúde, com a Assistência Social e Conselhos Tutelares. Então hoje, quando a gente fala de algum aluno nas reuniões (dos fóruns regionais intersetoriais), todos os segmentos sabem de quem estamos falando, porque é público deles também, está ali naquele nosso meio, para falar o que podemos fazer para um ajudar o outro, para que aquela criança possa se desenvolver, evoluir".

Fim da citação.

Além do acompanhamento itinerante, a professora Maria Luiza fala da função da Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão – SAAI, do professor especialista, além de ações de mediação, parcerias e encaminhamentos dos educandos para as instituições especializadas, quando necessário. Há também o Auxiliar de Vida Escolar que ajuda na alimentação, higiene e locomoção das crianças que não têm condição de fazê-los, não tem autonomia para executar essas ações.

Maria Luiza explica a função dos estagiários que são colocados para atuar juntamente com o professor: *"A gente coloca para o professor. Ele é auxiliar do professor na sala que tem criança com deficiência. Em princípio, o professor acha que o estagiário é especialista"*.

Para sanar esses equívocos, a professora Maria Luiza detalha como são utilizadas as JEIFs, que são horas de estudo do professor, para formação na área.

Citação:

"Quando há a Parada Pedagógica, onde todas as escolas param as atividades para terem diversas formações, também aproveitamos este momento, pois temos 5 CEUS com Teatros, o que nos ajuda a atender todos os professores com temas diferenciado. Também utilizamos as Reuniões Pedagógicas das Escolas ou a reunião de Setores promovida pelos Supervisores Escolares. Acreditamos que as resistências não são fruto de má vontade. É medo. É insegurança. É ... a novidade".

Fim da citação.



IMAGEM.

Fotografia. Professora Maria Luíza, mulher de cabelo loiro na altura dos ombros. Seu rosto está virado para o lado. Atrás dela, outras duas mulheres.

LEGENDA: Professora Maria Luíza.

FIM DA IMAGEM.

O debate da plateia se iniciou com Daniel Monteiro, dirigindo-se à professora Maria Luíza:

Citação:

"A lei existe. E é bom que a lei exista, porque ela força o indivíduo a se movimentar. Se não tivesse a lei, não se movimentaria mesmo. Enquanto a gente olhar para a criança como criança e suas necessidades, eu acho que nós estamos no caminho".

Fim da citação.

Laura Sancho Garcia continua o debate narrando a experiência que teve no curso de ciências da computação, dentro da área de ciências exatas, com um aluno cego, com cegueira adquirida, mas sem memória visual.

Citação:

"Nosso aluno não tinha condições diferenciadas, necessárias à igualdade de oportunidades. Hoje ele trabalha no (empresa) Google. Foi meu aluno. E a gente ouvia e ele nos orientava em relação a como tinha sido o seu processo de aprendizagem, vida afora. Vocês lembraram bem sobre a importância do professor para além da lei. O professor tem que ter comprometimento social e, se não tiver, para mim... desculpa... está na profissão errada".

Fim da citação.

Mariana, que é professora, relata que trabalhou três anos em escolas regulares, tanto em prefeituras como em escolas bilíngues internacionais.

Citação:

"Sempre lutei pelas crianças, por uma inclusão efetiva dessas crianças. Briguei, fui demitida da escola particular porque eu queria fazer de outra forma. Queria fazer umas adaptações curriculares. Não deixaram. Dá vontade de chorar. Quando saiu a LBI, eles agora estão correndo atrás de mim".

Fim da citação.

Gabriel Lima Verde, do Instituto Alana, prosseguiu perguntando para a professora Maria Luiza:

Citação:

"Eu queria entender melhor. Vejo duas questões na formação do professor. Uma delas é a gente ver a riqueza das diferenças... por um lado ela torna as deficiências, as dificuldades de aprendizado menos importantes, porque fazem parte das diferenças de cada um de nós, humanos.

Mas tem o lado das necessidades específicas que surgem de cada uma das deficiências, dificuldades de aprendizado. Este é o dilema de termos a questão universal do direito de aprendizagem e a da riqueza das diferenças, mas também aportando recursos para os professores, para que possam lidar de maneira efetiva com as diversas situações na sala de aula.”

Fim da citação.

Maria Luiza pondera:

Citação:

"A gente deve mostrar pela postura. A primeira coisa é a postura da gente. Se eu acredito, tenho que vender meu peixe muito bem. Eu ainda acho que a gente vende quando mostra que é capaz, que pode. Em uma EMEI fui dar formação e apresentar o material elaborado para um aluno cego, com bastante desinteresse em pegar qualquer material ou objeto. Aí mostramos o material para o grupo. Os professores ficaram loucos. – Nossa, que bárbaro! Posso fazer para os meus? - Pode fazer para todo mundo. O que fiz serve para todo mundo. Só que fiz primeiro para ele. É só copiar o modelo. Isso é fácil. Dentro, fora. Botei figura, sombra. Mexi com tudo. Tudo que fosse tátil. Fiz caminho em braile. O cachorro precisa achar a casinha dele. Coisa boba, mas que (os alunos) precisam. Neste momento a professora do aluno em questão se colocou: - Nossa! e falou assim para a estagiária: - Presta atenção que você é que vai aplicar. Dá para entender o que quero dizer de formação? Estava tudo ali. Sabe quem aplicou? A estagiária. Postura Profissional depende de cada um de nós.”

Fim da citação.

Salete, da Unisul – Universidade de Santa Catarina, confirma:

Citação:

"É mesmo postura profissional. Na universidade não tem contra-turno, não tem monitoria. Então é trabalhar os programas de formação no Ensino Superior.

É importante lembrar que a universidade é um dos espaços mais conservadores para entrada de um sujeito com algo diferente, com deficiência, mobilidade reduzida e transtornos. Não dá para a gente pegar e copiar o que está no Ensino Fundamental e Médio para poder tratar esse sujeito.”

Fim da citação.

A Professora Maria Cristina Godoy Cruz Felipe pergunta à Professora Nelci sobre o acesso ao livro em braille ao aluno cego matriculado no Sistema Estadual de Ensino.

Citação:

“Estou curiosa para saber se vocês não têm problema de material para o aluno. Vocês têm problema de material? Livro? Principalmente para criança cega, que é o livro em braille. Se puder esclarecer fico aliviada”.

Fim da citação.

A Professora Nelci prontamente responde a pergunta:

Citação:

“Falo do que conheço e vejo na diretoria Centro-Oeste e o material que chega constantemente na diretoria são materiais realmente de anos iniciais. Todos os materiais são preparados para atender crianças. Tem a literatura, vem uma verba destinada para fazer compra desses materiais. Agora realmente, nos anos finais, nós temos um problema do caderno do aluno que tem o caderno ampliado. E muitas vezes não solicitam. Então é na última hora ou como já houve casos em que a mãe ligou diretamente para a diretoria cobrando esse material”.

Fim da citação.

Fátima Martins, pessoa com deficiência visual relata sobre a importância e a ampliação de direitos referente a legislação brasileira sobre Educação Inclusiva

Citação:

"A legislação existe e realmente melhorou muito em termos legislativos a situação da pessoa com deficiência..."

Fim da citação.

Fátima continua sua fala mencionando que a grande muralha que impede o crescimento estudantil de pessoa com deficiência visual é a muralha da atitude, barreiras das atitudes. A legislação existe, você pode encontrar o material, porém existem atitudes de profissionais que acham que não têm nada a ver com a inclusão. Fátima deixa uma sugestão:

Citação:

"(...) que se coloque em rede curricular dos cursos de pedagogia, dos cursos de formação de professores, desde o primeiro ao último ano, a questão de lidar com as diferenças, porque a partir do momento em que o professor deixa de ver o aluno, seja ele do Ensino Fundamental ou do ensino superior, como deficiente e como cidadão estudante, como aluno, eu tenho certeza de que essas atitudes vão mudar".

Fim da citação.

Outra pessoa cega que trouxe sua contribuição foi Antenilton Marques do Piauí. Ele relata que é cego desde os cinco anos de idade e reforça a fala de Fátima ao opinar que a maior barreira na inclusão é justamente a barreira de atitudes. Ele comenta que é oriundo de duas faculdades, uma pública e outra privada, e o que ele notou é que em se tratando de inclusão não houve muita diferença de atitudes de professores e, também, de alunos. Antenilton faz uma apreciação crítica sobre a maneira como o processo de inclusão foi implementado enquanto política pública.

Citação:

"É que quando as decisões saem apenas dos gabinetes, como foi à questão da inclusão no Brasil, em que primeiro se falou muito no processo de integração, atropelou-se o processo, passamos para a inclusão e, nós, sociedade, não tivemos participação nela. Nós estamos sendo vítimas em muitos casos de seus resultados, de sua aplicação precipitada".

Fim da citação.

Após a explanação e o debate coletivo sobre o tema, a Psicóloga Ana Rita de Paula foi convidada a tecer seus comentários sobre o desafio "formação e capacitação de professores".



IMAGEM.

Fotografia. Uma mulher de cabelos brancos na altura do pescoço, casaco marrom e cachecol colorido está segurando um microfone próximo a boca de uma mulher que está sentada em uma cadeira de rodas. Ao fundo, bancada com mais pessoas.

LEGENDA: Psicóloga Ana Rita de Paula – debatedora da atividade

FIM DA IMAGEM.

Ana Rita iniciou sua fala apontando para as mudanças no papel da escola e do professor em tempos de inclusão e constrói seus comentários a partir das seguintes lógicas:

Citação:

"Uma principal diferença, do meu ponto de vista, é que a gente não tem mais a figura de um especialista que tem seu campo de conhecimento absolutamente determinado. A gente está caminhando para ter uma atuação profissional sempre a partir de equipes, a partir de uma concepção do conhecimento dentro da perspectiva da interdisciplinaridade. Se a gente for estender essa questão para as políticas públicas, isto se traduz pela busca de intersetorialidade. Então, quando a gente fala de necessidades dos alunos com deficiências na rede de ensino, quer pública quer privada, a gente tem que começar a pensar nesse professor necessário para esse tempo."

Fim da citação.

Ana Rita tece um comentário sobre o desafio para a formação e atuação de docentes no processo de inclusão educacional, afirmando que o professor necessário para o tempo em que vivemos é aquele que ousa romper com as determinações rígidas de áreas, inclusive de áreas de deficiência, sendo um profissional que saiba compartilhar e aprender com todos, num processo constante de troca e que não mire sua formação a partir da especialização na deficiência ou em tipos de deficiência.

Citação:

"Quando a gente fala de formação, eu penso na formação como um todo. Na formação desde o aluno que vai se tornar professor e, também, nos professores que estão já atuando. Teria que começar a conceber formações que trabalhem com a ideia desse professor capaz de ensinar a partir das diferenças".

Fim da citação.

Ana Rita em seu comentário refere que as necessidades dos alunos não são advindas da deficiência que possui, as necessidades são do aluno e ele é mais do que a deficiência. A formação dos professores deve priorizar a capacidade de aprender com o aluno, de identificar suas necessidades, pois, como todo o aluno, o aluno com deficiência tem sua história de vida e tem uma forma peculiar de aprender.

Ana Rita também reforça a importância de que o conhecimento deve ser produzido coletivamente, ouvindo todos os atores, porém, praticamos muito pouco essa atitude.

Citação:

"É preciso que a gente trabalhe na formação de todo e qualquer professor para ele trabalhar com o conjunto dos alunos da classe e usar os recursos que cada um tem para ajudar o conhecimento produzido coletivamente. Então, isso é uma necessidade dos professores que vão trabalhar com pessoas com deficiência? Não só. Mas para todo e qualquer professor."

Fim da citação.

Ana Rita finaliza seus comentários argumentando que qualquer profissional e os professores, particularmente, devem construir suas ações a partir de uma postura política.

Marta Gil inicia seus comentários citando uma frase de Mahatma Gandhi: *"A gente tem que ser a mudança que a gente quer ver no mundo"*, e com isso nos convoca a refletir sobre nosso papel no processo de educação inclusiva e no processo de compartilhar informações.

Menciona a importância do Governo em estimular e promover o processo de educação inclusiva, mas também provoca a plateia a refletir sobre o poder que temos com a quantidade de informações a que temos acesso atualmente e reforça que essas informações são gratuitas e estão disponíveis principalmente na internet. Comenta Marta:

Citação:

"Essa sociedade, neste momento, está exigindo que a gente seja um produtor de conhecimento. Cada um de nós. Então, enquanto o governo não muda, não faz um não sei o quê, uma política, que tal usar o Google, a quantidade de depoimentos que a gente tem, de recursos, de grupos de troca?"

Fim da citação.

Refere, ao tecer seu comentário, que a tecnologia está colocando grande quantidade de ferramentas e de informações na nossa mão. Tem muita coisa produzida, pronta e de qualidade. Materiais esses que nos ajudam na formação e capacitação de professores em seus desafios inclusivos.

Marta chama a atenção para o fato de que o momento é de ousar, romper, não esperar algo pronto, principalmente do governo. Afirma que o compromisso é com o aluno no cotidiano escolar, no presente, no aqui e agora. Termina conclamando os participantes a pensarem em si e em seu empoderamento no processo de educação inclusiva.

Citação:

"E que a gente se empodere. Eu acho que está na hora da gente se empoderar... cada um de nós, nosso protagonismo."

Fim da citação.

2) Preconceito, desinformação, barreiras atitudinais

Para abordar a questão do preconceito, desinformação e barreiras atitudinais convidamos o Sr. Carlos Fraga e a Sra. Cintia Rodrigues, da Secretaria de Educação do Parintins, cidade situada na região amazônica brasileira. Por intermédio do relato dos professores tentou-se promover uma reflexão sobre a diversidade existente no processo de educação inclusiva, diversidade essa que deve ser contextualizada, rompendo ideias e valores pré-concebidos que influenciam sobremaneira nos comportamentos e atitudes.

Carlos e Cintia fazem parte do Grupo de Trabalho da Rede Nacional de Leitura Inclusiva, projeto capitaneado pela Fundação Dorina Nowill para Cegos. Carlos refere sobre a carência e falta de recursos, como livros, por exemplo, para as crianças com deficiência visual da região.

A partir de um trabalho em rede, construído com diversos parceiros, os professores montaram “setores braille”, que não são bibliotecas, mas espaços de aprendizagem e conhecimento para estimular e fazer com que o processo de inclusão aconteça na prática.

Menciona que a intenção não é fazer um polo exclusivo em Parintins, mas é levar o projeto para outras escolas que ficam mais distantes, oito horas de barco, ou duas horas de lancha, citando o exemplo da Escola Valquíria Viana. Diz Carlos: “Nossas estradas são rios”.

Comenta que sempre que uma escola vai passar por alguma fiscalização ou monitoramento, eles aproveitam a chance e levam livros em braille, livros em tipo ampliado e promovem uma roda de leitura com todas as crianças para que conheçam esses recursos de acessibilidade e que possam ampliar seu universo quanto à inclusão.

Os livros acessíveis servem para todos, não somente para crianças com deficiência visual e isso é muito rico.

Carlos volta a mencionar os desafios que enfrenta para desenvolver os projetos em educação inclusiva num Estado com a dimensão territorial como o Amazonas. Dá como exemplo um município chamado Tabatinga que para chegar se leva 12 dias de barco, partindo de Manaus (AM).



IMAGEM.

Fotografia. Carlos Fraga, homem de cabelo curto escuro, camisa clara e calça preta. Ele está em pé segurando um microfone. Ao fundo, um telão e pessoas sentadas atrás de uma bancada.

LEGENDA: Senhor Carlos Fraga.

FIM DA IMAGEM.

Citação:

"Nós não podemos concentrar redes em Manaus. Nós vamos precisar fazer o quê? Polos. Então Parintins vai ser um polo, que inclusive a intenção não é atender só municípios do Amazonas, é atender também municípios do oeste do Pará."

Fim da citação.

Outro desafio que Carlos cita é quanto ao conhecimento do braille por parte dos professores. Muitas vezes por desconhecimento, o professor não consegue diversificar seu processo de ensino para a criança com deficiência visual. “O aluno pode não gostar do áudio e aí?”, comenta o professor. Então, existem as oficinas em braille que são desenvolvidas junto aos professores.

Com muito orgulho, Carlos mostra a cartilha indígena, feita em braille na língua materna indígena. Menciona que é a única cartilha deste tipo no Brasil e que essa iniciativa vem atender às necessidades locais e culturais, e que a cartilha será também em tinta e com sinais de Libras – Linguagem Brasileira de Sinais. São 400 indígenas matriculados, informa Carlos.

Citação:

“A gente quer fazer a mesma cartilha para todos os alunos para não ter essa diferença, porque o aluno do lado vai aprender braille e o outro não. Então, quando o colega dele tiver com dificuldade, ele pode conhecer o braille. Se conhece, vai ajudar. Então essa é a melhor forma de incluir todos.”

Fim da citação.

Após a explanação de Carlos e Cintia, abriu-se a discussão para os participantes. Tatiane, do Amapá, fez a seguinte colocação:

Citação:

“Estava sentindo falta dessa questão da educação inclusiva na educação do campo. Eu acredito que, quando se fala de educação inclusiva, é natural que se fale muito da cidade, da área urbana. Seria educação bancária querer fazer do mesmo jeito que é feito na cidade numa área indígena, numa área quilombola. Na área ribeirinha, que é a área que pesquiso e na qual nasci, muitas vezes os professores não têm nem graduação. Tem comunidade em que os professores têm quarta, quinta série. O dono da casa que tem até a primeira série e é alfabetizado transforma a casa em escola e atende crianças.”

Fim da citação.

O depoimento de Tatiane mostra muito claramente a importância em olhar para o contexto e extrair dele o melhor para o processo educacional. Ela entra em um território pouco discutido na educação inclusiva, que é a diversidade cultural e étnica e o quanto devemos considerar a história de vida de uma comunidade, seus valores e crenças para o processo educacional acontecer com significação e com respeito. Chama a atenção para o esforço e a carência de recursos educacionais que marcam a desigualdade de um país continental como o Brasil. Tatiane demonstra orgulho e satisfação de perceber o quanto o espírito colaborativo e a postura ativa pode fazer a diferença no processo de inclusão. Ela conclui dizendo:

Citação:

"Não tem o professor formado, muitas vezes, mas tem aquela intenção de ensinar. Não quer que as crianças sejam analfabetas. Então, acho que é exemplo para nós que vivemos reclamando, lá não tem internet, não tem nada, até livro é difícil."

Fim da citação.

Andreia, do Instituto Unibanco, relata que trabalha muito com gestores escolares. Menciona que de seu ponto de vista o gestor escolar tem um papel fundamental que é o de conseguir minimizar barreiras que porventura possam dificultar o processo de inclusão escolar.

A professora Cíntia, que realiza o trabalho junto com o professor Carlos e que é responsável pela coordenação da educação inclusiva no município de Parintins, solicitou a palavra para reforçar e complementar a fala do colega.

Citação:

"(...) foi detectada a questão da necessidade de formação e temos que respeitar a singularidade da liderança indígena. Então, a cartilha é necessidade."

Fim da citação.

A professora continua sua fala mencionando como vem enfrentando os desafios de formação de professores e tentando romper com o preconceito de que a educação inclusiva se faz somente com o AEE – Atendimento Educacional Especializado.

Citação:

"(...) a gente começou não só fazendo (formação) para o professor do AEE, para o auxiliar, para o apoio escolar. ... é uma medida ousada, que nós temos de fazer primeiramente essas formações para os nossos professores da sala comum. Porque a gente vê muito questionamento e aí... falas anteriores quando, coloca já se pauta no compromisso. Geralmente não se pode comprometer horário, dias letivos, então a gente fez um arranjo, colocou as nossas formações todas no horário noturno, e aí então a gente lança o convite para a comunidade escolar de forma geral e a comunidade civil e entidades afins. Então vai quem tem realmente o compromisso. Não é nada obrigatório."

Fim da citação.

Ao propor tais atividades, Cintia refere que a disseminação de conhecimento entre toda a comunidade promove a abertura para novos caminhos no que tange à educação inclusiva. Fica evidente que a experiência levada a cabo por Cintia e Carlos, em municípios do Norte do Brasil, é de fato prática inclusiva exitosa, boas e simples ações que contribuem para demover o preconceito e eliminar barreiras atitudinais. Para além do conhecimento especializado, a educação inclusiva também se faz com entrega, desejo e a valorização de saberes. Cintia termina sua explanação frisando a importância de se permitir experimentar o novo, conhecer algo novo, aceitar novas concepções e práticas.

A psicóloga Ana Rita de Paula começou sua fala argumentando sobre o quanto a falta de recursos e a carência fazem com que as pessoas passem a valorizar muito o que se tem e isso faz com que a criatividade e a efetividade afluam e tomem conta do processo.

Ana Rita exemplifica que a ideia da cartilha indígena, em tinta, em braille e em libras, atingindo a população que ainda sofre com a falta de acesso ao livro no nosso país, é um exemplo efetivo de material inclusivo. Ana chama atenção para o fato de que esta cartilha é um exemplo de Desenho Universal, prática recente em nosso país, sendo esta de crucial importância para o processo de aprendizagem.

Ao comentar o processo de formação e capacitação de professores, Ana Rita lembra que:

Citação:

"A formação não é somente dentro da escola, ela não pode ser colocada por setores... o processo formativo envolve diferentes níveis de profissionais. Desde gestores ao trabalhador, universitário, qualificado (especializado ou não), até... profissionais de nível médio, ou seja, é a partir desse encontro que a gente faz efetiva capacitação continuada."

Fim da citação.

A capacitação continuada, o conhecimento e informação são elementos estratégicos para o processo de inclusão. Ana Rita nos provoca a refletir sobre isso e de maneira sistêmica e holística.

Citação:

"(...) ao invés de pensar em capacitação para gestores, a gente tem que pensar em capacitação para determinadas regiões, para determinados territórios. E, quando a gente fala em território, a gente não está falando só da escola. A escola é um elemento que compõe aquele território. Mas a gente estaria avançando se a gente pudesse pensar em capacitações intersetoriais, onde a saúde, a educação, possam ter esse espaço comum de compartilhamento."

Fim da citação.

Ana Rita afirma que esse processo sistêmico, intersetorial, que pode fomentar o compartilhamento de saberes, acontece ainda de forma muito tímida, porém é o caminho mais eficaz para eliminar barreiras, desinformação e preconceitos. Ana Rita complementa:

Citação:

"Só para completar e fazer a ponte com a questão do preconceito... a escola é um grande agente de, ao mesmo tempo, ser tradicional e consolidador do status quo. E, por contradição da própria história, é a escola que é espaço de transformação. Então, eu acho que se a gente começar a trazer as pessoas para dentro da escola, a comunidade para dentro da escola, pode-se fazer com que a escola seja um instrumento de transformação social, não só a partir dessa comunidade mais restrita, mas de onde ela está colocada, do território onde ela está inserida."

Fim da citação.



IMAGEM.

Fotografia. No centro, Carlos Fraga em pé. À esquerda e à direita dele há uma bancada com pessoas sentadas e microfones. Ele está de frente para diversas pessoas sentadas em cadeiras.

LEGENDA: Público debatendo durante a atividade.

FIM DA IMAGEM.

3) Legislação, políticas públicas, acessibilidade

O terceiro desafio mais citado pelos participantes do Seminário de Educação inclusiva refere-se à implementação de políticas públicas. Estas acontecem por intermédio de legislações específicas sobre educação inclusiva e dizem respeito aos aspectos de acessibilidade, que são fundamentais para que a prática inclusiva aconteça com qualidade e garanta o cumprimento dos direitos assegurados.

Convidamos para iniciar esse debate as Professoras Érica de Melo Guerra e Vanessa Barbosa da Silveira, do Laboratório de acessibilidade da Biblioteca Central Zila Mamede da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal/RN.

O convite se deu pela experiência que as professoras vêm realizando, principalmente sobre acessibilidade e educação inclusiva no ensino superior.

A professora Vanessa Barbosa iniciou falando sobre a implantação de recursos de Tecnologia Assistiva e de acessibilidade para conferir qualidade e acesso aos materiais necessários para a formação de estudantes na universidade. Descreve que esse processo foi de muita luta, tanto política como de mudança de mentalidade dos profissionais da universidade, que precisavam também se capacitar para conferir usabilidade destes recursos.



IMAGEM.

Fotografia. Vanessa Barbosa, mulher de cabelo castanho, óculos e casaco de lã preto. Ela está em pé com um microfone. Ao fundo, pessoas sentadas atrás de uma bancada.

LEGENDA: Vanessa Barbosa.

FIM DA IMAGEM.

Vanessa conta para os participantes que, em 2008, perdeu a visão em virtude de um descolamento de retina e de uma degeneração macular progressiva. Ficou sem saber o que seria de sua vida, quando esta realidade se impôs.

No âmbito acadêmico fez uma mudança de carreira, deixou de cursar estatística migrando para o curso de pedagogia.

Neste período aconteceu a implantação do laboratório de acessibilidade da Universidade Federal, por intermédio de uma comissão permanente de apoio a estudantes em suas necessidades educacionais e em parceria com a biblioteca acadêmica foi instituído o Laboratório de Acessibilidade.

Vanessa refere que:

Citação:

"A implantação do Laboratório de Acessibilidade vem fortalecer a política de inclusão social, pautada na legislação vigente, visando a garantir o direito à informação e considerando as diferentes necessidades de seus usuários".

Fim da citação.

Érica Mello, coordenadora do Laboratório de Acessibilidade da UFRN, complementa as informações de Vanessa com os seguintes dizeres:

Citação:

"A institucionalização dessas políticas (de inclusão) na nossa universidade só foi possível graças a uma gestão cooperativa e participativa. Cooperação, na minha opinião, é a palavra-chave".

Fim da citação.

Ambas as professoras chamam a atenção para a importância em garantir, na prática, as políticas públicas relacionadas à inclusão. Dizem que o laboratório de acessibilidade é fruto dessas políticas, garantidas pela legislação. Ainda mais porque esta determina, de maneira objetiva, a necessária transformação do ambiente, por intermédio da acessibilidade, eixo fundamental para processos educacionais inclusivos.

Fatima, pessoa com deficiência visual, comenta sobre a importância da acessibilidade no processo de educação inclusiva e aponta sobre a importância das escolas e universidades se abrirem para a comunidade no que tem de mais positivo. Traz a seguinte indagação:

Citação:

"Por que não se levar a escola para a comunidade? A escola sair dos muros? Porque é uma outra forma de aprendizagem."

Fim da citação.

Continua Fátima:

Citação:

"Eu acho que se a escola saísse dos seus muros e fosse até o cidadão, até o estudante, resultados mais rápidos e promissores poderiam vir das experiências dos professores e da comunidade como um todo".

Fim da citação.

Marta Gil é convidada a comentar para a plenária as falas acerca da experiência do Laboratório de Acessibilidade do UFRN e começa dizendo que tem muita coisa bacana acontecendo sobre inclusão, reforçando a importância da iniciativa do Laboratório de Acessibilidade.

Respondendo à participante Fatima, Marta Gil ratifica e concorda com a participante sobre a escola sair de seus muros, abraçar a comunidade, promover cada vez mais o envolvimento de todos. Marta complementa:

Citação:

"O Gilberto (DIMENSTEIN) inclusive escreveu um livro que se chama Cidade Escola. Ele fez do bairro da Vila Madalena uma escola ao ar livre".

Fim da citação.

Estimulada pelo participante Daniel Monteiro, pessoa com deficiência visual, Marta Gil conta sobre a formação do Reintegra, rede de informações que coordenou e da REDE SACI, fazendo a ligação sobre a importância do trabalho em rede, aproveitando o cenário atual que promove por meio de políticas públicas a acessibilidade. Relata Marta Gil:

Citação:

"Eu fui para a USP em 1990. Antes da Rede Saci teve a Reintegra e foi uma coisa muito esquisita no começo. As pessoas perguntavam o que a USP estava fazendo com as pessoas com deficiência. Eu estava falando em rede de informação e de comunicação.

Numa época em que as pessoas dizem... ah, não, pessoas com deficiência precisam de muito amor, precisam assim... bingos, coisas do tipo. A gente vai achando parceiros para trabalhar em rede.”

Fim da citação.



IMAGEM.

Fotografia. Marta Gil, mulher de cabelo grisalho na altura da orelha, óculos e blusa clara.

LEGENDA: Marta Gil – debatedora.

FIM DA IMAGEM.

Os comentários de Marta Gil fazem-nos refletir sobre a importância em trabalhar em rede, num momento em que o cenário político e as legislações garantem uma educação de qualidade para todos sob o paradigma da inclusão.

Ela faz um paralelo com sua trajetória profissional, mostrando que há mais de 20 anos as pessoas com deficiência, que ainda eram percebidas e tratadas com piedade e sob a ótica da caridade, já se articulavam para buscar, em rede, seu espaço de cidadão na sociedade. Espaço esse que atualmente é favorecido pelas legislações vigentes e pela consciência, cada vez maior, de que o processo de inclusão é plural e passa pela transformação e garantia de espaços e ambientes acessíveis.



IMAGEM.

Fotografia. Romeu Kazumi Sasaki, homem calvo de óculos. Ele usa gravata marrom e paletó escuro. Está em pé, segurando um microfone e com uma das mãos para a frente.

LEGENDA: Professor Romeu Kazumi Sasaki.

FIM DA IMAGEM.

Palestra de encerramento – professor Romeu Kazumi Sasaki.

A palestra de encerramento do Seminário Internacional de Educação Inclusiva: avanços e possibilidades, ficou por conta do professor Romeu Kazumi Sasaki.

Militante na área de inclusão social desde a década de 1960, Professor Romeu encerrou o seminário falando sobre as importantes mudanças históricas e conceituais acerca do processo de inclusão, bem como sua participação efetiva nos movimentos políticos que definiram os caminhos da inclusão social na sociedade brasileira.

Citação:

"(...) eu tenho uma ligação com a Fundação, através da dona Dorina, desde 1963. De lá para cá temos andado juntos aqui e ali, participando de comissões, comitês e alguns eventos em São Paulo. E, enfim, caminhando juntos. Não somente eu e ela, mas também junto com líderes de várias entidades, as grandes entidades de reabilitação e educação especial em São Paulo."

Fim da citação.

Referente à educação inclusiva, Professor Romeu ressaltou o quanto uma escola inclusiva precisa acolher com qualidade todos seus educandos. Qualidade esta que está presente nas novas tecnologias que propiciam esse processo e, muito mais do que isso, na adoção de novas posturas, na valorização de conhecimentos e programas educativos inclusivos. Trouxe com isso uma provocação: a inclusão educacional é fundamental para as escolas neste novo milênio – a escola do século XXI.

Esta história, como oportunamente frisou o Professor Romeu, começa no século XX com o fortalecimento do movimento pela garantia de direitos levados a cabo pela sociedade, mas principalmente pelas pessoas com deficiência. Relembra a importância do Ano Internacional das Pessoas com Deficiência, ocorrido em 1981, no qual a luta por equiparação de oportunidades foi um dos principais motes para a garantia de acesso à educação e outros direitos fundamentais da pessoa humana.

Imbuídos desse clima revolucionário, os líderes do movimento social das pessoas com deficiência lutaram pela equiparação de oportunidades e a garantia de Direitos Humanos básicos, levando a educação inclusiva a se conectar cada vez mais à realidade social.

Uma escola conectada ao princípio de inclusão e aos anseios de todos os cidadãos necessita estar alinhada às diretrizes fundamentais da educação inclusiva e praticar, de forma efetiva, o que preconizam os principais documentos que descrevem esse processo.

Citação:

"É necessário saber quem são as pessoas com deficiência, a fim de que um sistema escolar possa adequar-se a todas elas. Até mesmo aquelas tidas equivocadamente como incapazes de aprender. Isso é muito sério. Então, se a escola inclusiva é para todos, é para todas as pessoas com e sem deficiência. Nós precisamos saber quem são essas pessoas porque senão fica muito teórico. Olha, escola inclusiva é para todas as pessoas..."

Fim da citação.

Pautado neste argumento, a fala didática e clara do Professor Romeu leva-nos a revisitar os conteúdos da Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, no qual o Brasil, como país signatário, adotou e, mais do que isso, anexou a Convenção à Constituição Federal, ganhando a mesma um status jurídico de extrema importância para garantia de direitos.

Um dos principais méritos da Convenção foi o de atualizar e ressignificar o conceito de deficiência, bem como, esclarecer sobre as oportunidades e as necessidades de ambientes acessíveis para garantir o processo de inclusão.

Descrevendo os desafios para colocar em prática as diretrizes da Convenção da ONU sobre os direitos das pessoas com deficiência, encontramos os modelos e os paradigmas que nos ofertam caminhos para balizarmos nossa atuação pessoal e profissional neste processo. Portanto, é de extrema importância reconhecer e identificar de forma integral as barreiras e aplicar as dimensões de acessibilidade em todo o sistema educacional, para que se eliminem os obstáculos arquitetônicos e de edificação, comunicacionais, metodológicos, instrumentais, atitudinais, programáticos e naturais.

Outro importante fator a ser considerado, nas práticas inclusivas em educação, é o entendimento sistêmico deste processo, com todos os mecanismos que o Estado Brasileiro provê. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008 deve dialogar com a atualíssima Lei Brasileira de Inclusão, Lei número 13146 que traz um capítulo integral voltado à educação.

De forma geral, Professor Romeu, em sua fala, mostrou o quanto é complexo o universo da educação inclusiva e ratificou os grandes desafios e perspectivas que esse processo suscita, sendo entre eles:

- 1) Incluir todas as pessoas com deficiência e todas as pessoas sem deficiência com base no princípio de equiparação de oportunidades;
- 2) Saber quem são as pessoas com deficiência, a fim de o sistema escolar adequar-se a todas elas, até mesmo aquelas tidas equivocadamente como incapazes de aprender;
- 3) Conhecer a estrutura da deficiência antes de praticarmos qualquer ação educativa;
- 4) Considerar em nossas ações a relação entre os 4 Paradigmas e seus 4 Modelos, apresentado de forma esquemática conforme abaixo:

EVOLUÇÃO HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA			
PARADIGMAS			
Exclusão escolar	Segregação escolar	Integração escolar	Inclusão escolar
MODELOS			
MODELO DE REJEIÇÃO TOTAL	MODELO ASSISTENCIALISTA	MODELO MÉDICO DA DEFICIÊNCIA	MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA
Rejeição contra a ideia de fazer a PcD aprender a ler e escrever	Caridade ensinando a PcD noções leitura e escrita em instituições terminais	Adaptação da PcD às barreiras existentes na escola comum	Adequação da escola comum às especificações da PcD

IMAGEM.

Quadro. EVOLUÇÃO HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA.

Paradigmas: Exclusão escolar; Segregação escolar; Integração escolar; Inclusão escolar.

Modelos: Modelo de rejeição total: Rejeição contra a ideia de fazer a PcD aprender a ler e escrever.

Modelo assistencialista: Caridade ensinando a PcD noções leitura e escrita em instituições terminais.

Modelo médico da deficiência: Adaptação da PcD às barreiras existentes na escola comum.

Modelo social da deficiência: Adequação da escola comum às especificações da PcD.

FIM DA IMAGEM.

- 5) Combater a integração negativa e praticar a interação positiva nos ambientes escolares;

6) Cumprir o que estabelecem os documentos e leis que versam sobre a Educação Inclusiva, dentre os quais podemos citar os principais:

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 07/01/2008;

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, em especial o artigo 24 que trata de Educação;

Plano Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência – Viver sem Limite – Decreto 7.612 de 17/11/2011;

Plano Nacional de Educação – Lei 13.005/2004 em especial a meta 4 com suas 19 estratégias;

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Lei 13.146 de 06/07/2015 em especial o capítulo IV: Do direito a educação.

Finalizando - Educação Inclusiva, e o debate continua...

A realização do *Seminário Educação Inclusiva: avanços e possibilidades* nos brindou com uma série de palestras, fóruns e debates enriquecedores, registrados nesse relatório.

Cabe neste momento recordar que no início da construção deste seminário tínhamos em mente e como propósito maior promover uma discussão sobre os caminhos da educação inclusiva, tendo em vista todos os atores sociais envolvidos neste processo e que vivem em seu cotidiano a educação inclusiva. Em outras palavras, nosso objetivo maior foi promover um espaço para que todos os atores pudessem dialogar sobre os caminhos da educação inclusiva.

Constatamos com muita satisfação que o Seminário teve uma ampla participação do público, bastante heterogêneo por sinal, culminando na diversidade de opiniões e debates sobre o tema.

Esperamos com este registro oferecer a sociedade um panorama atualizado sobre os caminhos da educação inclusiva e plantar uma semente, mais que necessária, para a continuidade desta discussão.

Avaliação e comentários dos participantes

Na semana seguinte à conclusão do Seminário, os participantes receberam via internet um formulário para avaliar o evento.

Foi utilizada a plataforma de pesquisa SurveyMonkey para a realização da pesquisa de satisfação.

O link <http://migre.me/wBnn4> foi encaminhado para os 170 participantes do Seminário.

Deste total, 53 pessoas responderam a pesquisa de satisfação, havendo registros de respostas no período de 20/06/2016 até 22/08/2016.

Os resultados da pesquisa de satisfação são mostrados a seguir:

1) Como você avalia a estrutura do evento:



IMAGEM.

Gráfico de setores. Estrutura do Evento. Ótimo: 85%. Bom: 13%. Regular: 2%. Ruim: 0%.

FIM DA IMAGEM.

2) Pergunta Aberta: O quão atualizado foi o conteúdo do seminário para você?

Foram registradas 49 respostas categorizadas abaixo:

Bastante atualizado	Atualizado	Médio ou pouco atualizado
30	13	6

IMAGEM.

Quadro. Bastante Atualizado: 30. Atualizado: 13. Médio ou pouco atualizado: 6.

FIM DA IMAGEM.

Seguem alguns comentários dos participantes:

O conteúdo, de modo geral, era familiar. Contudo, as diferentes formas de abordá-lo sempre contribuem para nossos processos reflexivos e formativos.

O Programa foi muito bom e equilibrado! Mas poderia ter tido mais tempo para que as pessoas de outros estados pudessem apresentar melhor seus projetos. É importante sabermos o que acontece em nosso país.

Foi bem atual. Uma vez que abordou os avanços e desafios relacionados à educação inclusiva atual no nosso país.

Médio- esperava um avanço nas discussões da teoria para a prática.

Excelente. Achei muito atual e pertinente.

Foi muito importante e interessante. Eu já vivencio na prática que nós temos uma pseudo inclusão. Ouvir uma palestrante dizer que "temos uma inclusão de mentira", foi ótimo. Os depoimentos dos participantes e as contribuições de pessoas que lidam com esse processo no seu dia a dia, foi bastante enriquecedor. Percebi com a realização do seminário que precisamos avançar, e muito, para que a inclusão se torne uma realidade palpável em nosso meio.

A atualização de conteúdo foi de grande valia, pois nos situa em termos de Brasil e de América Latina.

3) Avaliação do conteúdo das palestras e atividades Propostas no Seminário Internacional de Educação Inclusiva.

Palestra de abertura: Cristina Sanz

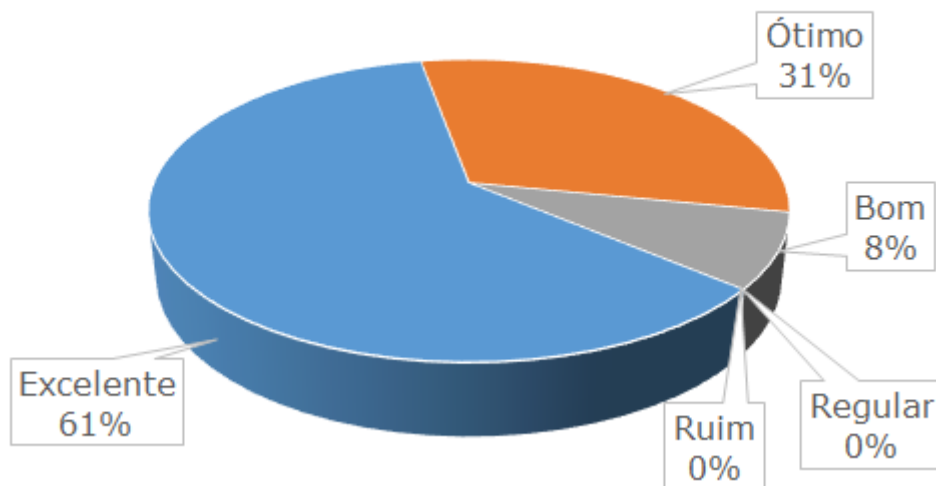


IMAGEM.

Gráfico de setores. Palestra de abertura: Cristina Sanz. Excelente: 61%. Ótimo: 31%. Bom: 8%. Regular: 0%. Ruim: 0%.

FIM DA IMAGEM.

Mesa Redonda: Como caminha a inclusão no Brasil

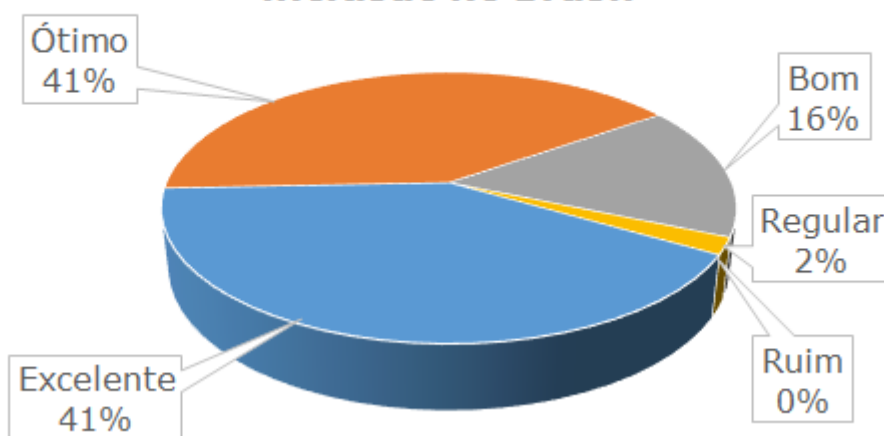


IMAGEM.

Gráfico de setores. Mesa Redonda: Como caminha a inclusão no Brasil. Excelente: 41%. Ótimo: 41%. Bom: 16%. Regular: 2%. Ruim: 0%.

FIM DA IMAGEM.

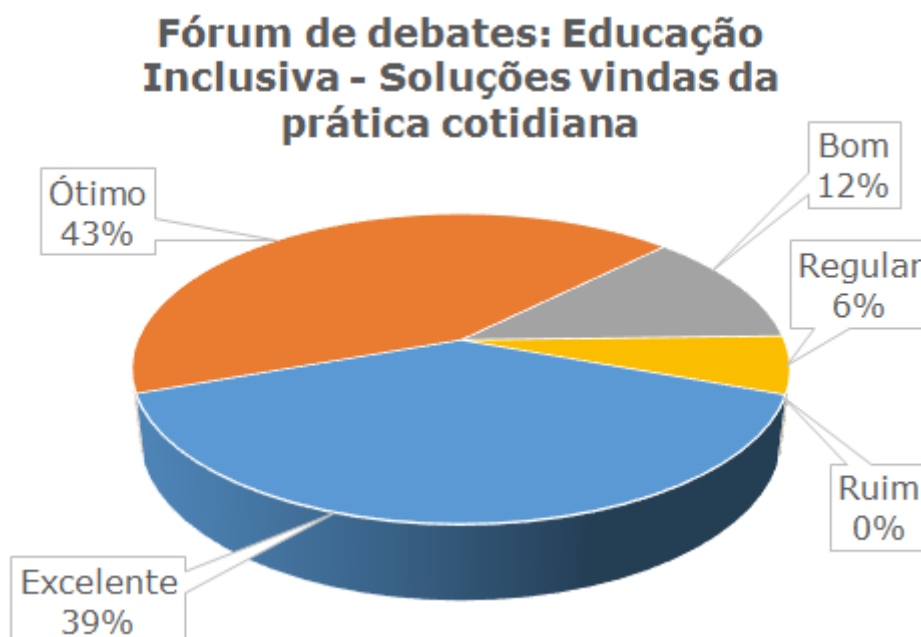


IMAGEM.

Gráfico de setores. Fórum de debates: Educação Inclusiva - Soluções vindas da prática cotidiana: Excelente: 39%. Ótimo: 43%. Bom: 12%. Regular: 6%. Ruim: 0%.

FIM DA IMAGEM.

**Palestra de encerramento:
professor Romeu Sasaki**

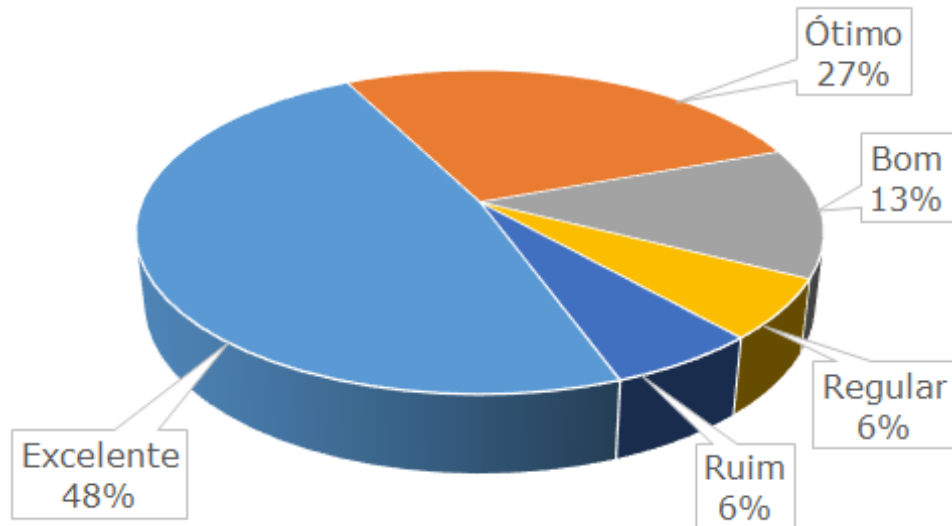


IMAGEM.

Gráfico de setores. Palestra de Encerramento: Professor Romeu Sasaki: Excelente: 48%. Ótimo: 27%. Bom: 13%. Regular: 6%. Ruim: 6%.

FIM DA IMAGEM.

- 4) Quais os temas que gostaria de ver discutidos num próximo evento?

Foram registradas 44 respostas categorizadas abaixo:

Temas sugeridos para próximos seminários	Quantidade
Formação do professor para atuação junto às pessoas com deficiência, adaptação curricular e boas práticas escolares	15
Legislação, políticas públicas e direitos das pessoas com deficiência em diversas áreas: educação, saúde, cultura, esporte, trabalho, habitação	14
Audiodescrição em diversos contextos: cultura, sala de aula, mídias	4
Reabilitação, avaliação e processo de aprendizagem de pessoas com deficiência	2
Deficiências Múltiplas	2
Acessibilidade, tecnologias assistivas e produção de recursos acessíveis	2
Neurociência e educação inclusiva	1
Curatela e transtornos psíquicos	1
Inclusão educacional no ensino superior	1
Livros acessíveis - Braille, DAISY	1
Situações reais de pessoas com deficiência nos estados brasileiros	1

IMAGEM.

Tabela.

Temas sugeridos para próximos seminários: Formação do professor para atuação junto às pessoas com deficiência, adaptação curricular e boas práticas escolares. Quantidade: 15.

Temas sugeridos para próximos seminários: Legislação, políticas públicas e direitos das pessoas com deficiência em diversas áreas: educação, saúde, cultura, esporte, trabalho, habitação. Quantidade: 14.

Temas sugeridos para próximos seminários: Audiodescrição em diversos contextos: cultura, sala de aula, mídias. Quantidade: 4.

Temas sugeridos para próximos seminários: Reabilitação, avaliação e processo de aprendizagem de pessoas com deficiência. Quantidade: 2.

Temas sugeridos para próximos seminários: Deficiências Múltiplas. Quantidade: 2.

Temas sugeridos para próximos seminários: Acessibilidade, Tecnologias Assistivas e produção de recursos acessíveis. Quantidade: 2.

Temas sugeridos para próximos seminários: Neurociência e educação inclusiva. Quantidade: 1.

Temas sugeridos para próximos seminários: Curatela e Transtornos Psíquicos. Quantidade: 1.

Temas sugeridos para próximos seminários: Inclusão educacional no ensino superior. Quantidade: 1.

Temas sugeridos para próximos seminários: Livros acessíveis – Braille, Daisy. Quantidade: 1.

Temas sugeridos para próximos seminários: Situações reais de pessoas com deficiência nos estados brasileiros. Quantidade: 1.

FIM DA IMAGEM.